

Editora Prospectiva (Frutal-MG).

Repúblicas estudantis de Ouro Preto e a construção de um projeto de país .

MACHADO, Otávio Luiz.

Cita:

MACHADO, Otávio Luiz. (2013). *Repúblicas estudantis de Ouro Preto e a construção de um projeto de país*. Frutal-MG: Editora Prospectiva.

Dirección estable: <https://www.aacademica.org/otavioluizmachado/37>

ARK: <https://n2t.net/ark:/13683/pezx/sgp>

Acta Académica es un proyecto académico sin fines de lucro enmarcado en la iniciativa de acceso abierto. Acta Académica fue creado para facilitar a investigadores de todo el mundo el compartir su producción académica. Para crear un perfil gratuitamente o acceder a otros trabajos visite: <https://www.aacademica.org>.

Otávio Luiz Machado (Org.)



REPÚBLICAS ESTUDANTIS DE OURO PRETO E A CONSTRUÇÃO DE UM PROJETO DE PAÍS

EDITORA
PROSPECTIVA

Otávio Luiz Machado (Org.)

**REPÚBLICAS ESTUDANTIS
DE OURO PRETO E A
CONSTRUÇÃO DE UM
PROJETO DE PAÍS**

EDITORA PROSPECTIVA

Copyright 2013 by Otávio Luiz Machado

Capa: Editora Prospectiva

Foto de capa: Otávio Luiz Machado

Revisão: Otávio Luiz Machado

Edição: Editora Prospectiva

Machado, Otávio Luiz. Repúblicas estudantis de Ouro Preto e a construção de um projeto de país – Frutal: Prospectiva, 2013.

ISBN:

1. Estudantes universitários – Comportamento. 2. Memória Histórica. 3. Educação extracurricular; 4. Moradia Estudantil.
CDU316.6:378.4

Contatos com o autor:
Caixa Postal nº 1, 382000-000 Frutal-
MG

E-mail:

otaviomachado3@yahoo.com.br

Tel: (34) 9668-9575



EDITORA
PROSPECTIVA

SUMÁRIO

Apresentação

Otávio Luiz Machado 10

PRIMEIRA PARTE: A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA E A LIDERANÇA DA JUVENTUDE DE OURO PRETO

Otávio Luiz Machado 11

SEGUNDA PARTE: MEMÓRIAS ESTUDANTIS: ALGUMAS FALAS FUNDAMENTAIS SOBRE AS REPÚBLICAS DE OURO PRETO 117

A Idéia de Estudar em Ouro Preto: Memórias de um Estudante no Final do Século XIX

Pedro Rache (Ex-Aluno da República do Pilar)
..... 118

A Vida em Ouro Preto nos Anos 1940

Haroldo Zeferino da Silva (Ex-Aluno da República Quitandinha) 142

Estudar em Ouro Preto: uma Decisão que me Valeu para toda a Vida

Nilo Gomes de Mattos (ex-Aluno da República Sparta) 147

A República Pureza me Ensinou a Viver um Grupo e me Abriu o Mundo da Política

Cesar Maia (Ex-Morador da República Pureza) 151

O Brasil e o Avanço na Luta Social: Quando a Juventude Entra em Cena e Faz a Diferença

Nilmário Miranda (Ex-Militante da POLOP) 178

A Vida em República: um dos Maiores Legados que eu Levei de Ouro Preto

Álvaro José da Cunha (Ex-Aluno da República Aquarius)

..... 185

A República Rebu e a participação da mulher no movimento estudantil do D.A. da EMOP

Rosangela Buzanelli Torres

188

Repúblicas: Ali me Tornei Gente e Aprendi a Viver

José Fernando Coura (Ex-Aluno da República Aquarius)

193

A Luta Pela Conquista do Alojamento e a Fundação da República Tigrada: República Como Parte da Primeira Relação da Universidade Com a Comunidade

Geraldo Baldi - Geba (Ex-Aluno da República Tigrada)

194

O Contexto Histórico das Lutas Estudantis de Ouro Preto nos Anos 1970

Roberto Rafael Guidugli Filho (Ex-Aluno da República Butantã)

..... 200

Convivência e aprendizados juntos: uma lição das repúblicas

Carlos Alberto Cosmo (Ex-Aluno da Aquarius)

..... 211

Ao Conselho de Repúblicas

Documento assinado pelos representantes do Diretório Acadêmico da Escola de Minas, C.A. Livre de Farmácia, Diretório Acadêmico de Mariana e Pró-Entidade de Nutrição

..... 213

Ser um Aquariano em Seu Próprio Território: Não Pode Parar!!!

Joaquim Pedro de Toledo (Ex-Aluno da República Aquarius)

217

**Quem Eu Sou? Eu Sou um Monte de Pessoas
que Passaram por Mim**

Celso Carvalho Magalhães (Ex-Aluno da
República Aquarius) **219**

**A Importância das Repúblicas para a Minha
Formação: Uma Experiência de Vida**

Andrezza Cristina de Carvalho (Ex-Aluna da
República Palmares)
..... **221**

APRESENTAÇÃO

Um livro apresentado reúne diversas vozes de períodos diversos tratando o ambiente de formação profissional em Ouro Preto-MG, assim possuindo um valor para se compreender como foi possível a construção de uma ideia de contribuição ao País a partir desses micro-espacos constituídos em repúblicas, entidades estudantis, grupos de estudos, etc.

A primeira parte toda é dedicada a um estudo que realizei, sendo a segunda parte até o seu final dedicada às memórias fundamentais para se entender a dinâmica da vida universitária de Ouro Preto.

É mais um livro construído a partir de diversas contribuições e voltado ao atendimento do interesse público. Vamos em frente!

PRIMEIRA PARTE:
A CONSTRUÇÃO DE
BRASÍLIA E A
LIDERANÇA DA
JUVENTUDE DE OURO
PRETO

Otávio Luiz Machado

“O futuro pertence aos engenheiros”
(Ramiro Rivera Miranda)

Introdução¹

Neste texto pretendemos discutir a figura do ex-aluno da tradicional Escola

¹ Sou grato ao Kléber Farias Pinto por sua história e pelas constantes colaborações. Da mesma forma agradeço à Maria Helena Pinheiro pelo convite, além do professor Israel Beloch pela confiança. Minha homenagem e respeito à Escola de Minas de Ouro Preto.

de Minas de Ouro Preto, e sua relação com os estudantes e os jovens engenheiros desta Escola. Escolhemos a figura de Israel Pinheiro, pois se trata de um ex-aluno que se destacou enquanto estudante – foi o primeiro da turma e premiado com uma viagem à Europa para conhecer a ciência e a engenharia praticada por lá –, e enquanto ex-aluno, tanto na colaboração aos estudantes e suas entidades enquanto político, como sua preferência aos ex-alunos e jovens engenheiros de Ouro Preto como técnicos na construção de Brasília.

Apresentamos algumas características desta tradicional Escola e trataremos da posição que alguns ex-alunos tomaram em vários momentos, identificando a formação de um chamado “espírito de grupo”.

Ao final localizaremos a construção de Brasília com a participação dos

engenheiros da Escola de Minas, não se detendo apenas no aspecto da liderança dos construtores, mas da ideologia em se apoiavam.

1) A Escola de Minas de Ouro Preto

A Escola de Minas de Ouro Preto, fundada em 1876, inova o ensino e a pesquisa em engenharia, através da adoção do tempo integral a alunos e professores, sólida formação básica em matemática, física e química, professores bem remunerados e disposição de bolsas para alunos carentes (CARVALHO, 1978). Esta formação de profissionais bem preparados visava gerar o conhecimento do solo brasileiro e propiciar a exploração de suas riquezas.

Na República Populista (1945-1964), a modernização do ensino superior estava voltada para a produção de uma mão-de-obra exclusiva ao capital monopolista estatal ou privado internacional. Além do mais, “a ideologia nacionalista exigia um ensino superior modernizado, capaz de promover os estudos e realizar as pesquisas que o desenvolvimento do país estava a exigir” (CUNHA, 1983, p. 21-22).

A Escola de Minas era reconhecida como foco de idéias nacionalistas. Os seus ex-alunos foram artífices na formulação da política mineral brasileira, bem como na criação da indústria siderúrgica no Brasil, além de responsáveis na criação de importantes órgãos de pesquisas como o Departamento Nacional de Pesquisa Mineral (DPNM), criado em 1934, o Instituto de Pesquisas Radioativas de Belo Horizonte (de 1954), o Instituto de Tecnologia Industrial de Minas Gerais (de

1944), além de atuarem com destaque no Departamento de Obras de Combate as Secas. Os ex-alunos destacaram-se, também, nas primeiras direções de empresas como Vale do Rio Doce (1942) ou na criação de outras, como a Petrobrás (1953). Além disto, nos Governos de Getúlio Vargas e JK vários ex-alunos de Ouro Preto possuíam cargos importantes nesta estrutura governamental.

Em 1924, “os graduados da Escola de Minas passaram a dominar as geociências” (SCHWARTZMAN, 2001), ou seja, importantes órgãos relacionados a esta área. Desde 1920 o Governo faz concessões a um grupo norte-americano sobre o monopólio da exportação de minérios em troca a construção de uma usina siderúrgica no Brasil. A partir daí um debate entre liberais, que defendiam a abertura ao capital estrangeiro, e os nacionalistas, extremamente contrários a

este tipo de operação e defensores do controle estatal das riquezas naturais do país se deflagra (*idem*, p. 22). Estes nacionalistas, principalmente ex-alunos de Ouro Preto, “tendiam a considerar-se servidores públicos responsáveis pela condução do país pela rota do progresso” (*idem, ibidem*).

Na década de 1970 a Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) foi responsável pelo desenvolvimento de um importante Programa de Estudos sobre o Impacto da Ciência e Tecnologia no Desenvolvimento Nacional. Trabalhos como *A formação da comunidade científica no Brasil*, de Simon Schwarzman e *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*², de

² Livro reeditado pela Editora UFMG em 2002. Segundo um dos resenhistas, “tudo se passa (no livro) como se a Escola de Minas tivesse a missão de produzir quadros competentes, e pouco se cogita de deslindar os meios pelos quais a clientela buscou modelar o ensino conforme suas conveniências” (MICELI, 2002, 8).

José Murilo de Carvalho foram resultados obtidos neste Programa.

O livro de Murilo³ é o único estudo sério publicado sobre a Escola de Minas. É uma análise que busca compreender porque uma escola que inovou o ensino chega aos anos de 70 com uma eminente queda de seu antigo vigor.

A tradição da Escola é reproduzida pelos ex-alunos e suas entidades. Os ex-alunos são lembrados, cultuados e mantêm sua presença permanente em Ouro Preto, principalmente no 12 de outubro, nas suas repúblicas quando eram estudantes, para manter esta “chama acesa”. Esta presença dos velhos ex-alunos, quando poderão cercar-se de

³ “Esse trabalho primoroso continua servindo tanto para esclarecer um episódio-chave de nossa história educacional e intelectual, quanto para situar opções contrastantes de interpretação dos materiais de que se alimenta essa intrincada e exclusivista história social de redes, panelas, acertos e privilégios de toda ordem, em torno dos quais se constitui a injusta sociedade brasileira” (idem, ibidem).

gente jovem e cheia de esperanças durante a festa do 12 nas repúblicas é importante para o recrutamento de jovens talentos. O apoio à escola pelos ex-alunos é importante para adquirir o status de um bom ex-aluno. É também uma forma de demonstrar a sua gratidão, de mostrar que os jovens que estão naquela situação algum dia fôra ele próprio. Então as repúblicas e o apoio das bolsas estão dentro deste espírito de incentivo, que é uma forma de investir no aluno para que o profissional possa servir ao país, principalmente a partir dos anos 50 e 60, período de grande mobilização em prol do dito desenvolvimento brasileiro.

Alguns estudos comprovam a existência deste “espírito de grupo” em escolas:

Consideramos que a investigação da origem escolar nos possibilita

identificar mais claramente o fio condutor do pensamento de um determinado grupo formado em uma mesma instituição escolar, já que partilharão de um mesmo espírito, literário ou científico (ROQUE, 1999, p. 28).

E este grupo foi influente nas duas primeiras décadas do século XX quando existia um ambiente político pouco preparado para discutir assuntos que exigiam conhecimentos científicos e tecnológicos.

Por outro lado, em diversos depoimentos⁴ que realizamos com ex-alunos da Escola de Minas das décadas de 50 e 60 comprovam que o aluno antes de se formar pela Escola era bastante requisitado, primeiro pela carência de

⁴ Como os de Kléber Farias Pinto, Aziz Assi, Francisco Faro e Rodolfo Cerqueira Filho.

mão-de-obra especializada, segundo pela formação técnica adquirida e pelo ideário que adquiriam na formação escolar, no contato com colegas, ex-alunos e professores.

O estudante para ingressar na Escola de Minas passava por uma prova difícil. O ensino tradicional também impunha dificuldades imensas para se tirar o diploma, pois os catedráticos não eram facilitadores. A fama da Escola pelos bons exemplos de iniciativas de alguns dos ex-alunos, a exclusividade em cursos minero-metalúrgicos e o crescimento industrial do país na década de 50 fizeram de Ouro Preto referência nacional em ensino superior.

O número de alunos egressos na Escola era pequeno, principalmente pelo “pente fino”, o que gerava poucas formaturas anuais, e conseqüentemente, poucos engenheiros disputando o

mercado de trabalho. Para citarmos o exemplo de Israel Pinheiro, formado em engenharia de Minas e Civil, a turma formada em 1919 foi de 15 agrimensores, 11 engenheiros de minas e civil e 05 engenheiros geógrafos⁵. Em contrapartida, se pegarmos o ano de 1999, formaram neste ano 118 engenheiros, divididos entre os cursos de engenharia geológica, civil, metalúrgica e minas, praticamente 04 vezes o número. Isto ilustra o acesso ao ensino, embora não temos os números de desistentes em ambos os períodos, que deve ser considerável. Mas,

Tratando-se de uma escola masculina voltada exclusivamente para a formação de uma minoria seleta de estudantes altamente qualificados – turmas de graduados que nunca ultrapassaram o

⁵ Dados retirados do “site”: www.em.ufop.br.

teto de dez alunos entre 1878 e 1917 –, a Escola de Minas firmou um padrão reconhecível de exigências quanto aos requisitos necessários em matéria de capital social e cultural. A Escola passou a conferir um título acadêmico que habilitava seus portadores a utilizá-lo de pronto em credencial de acesso a posições prestigiosas de mando em instâncias políticas e técnicas, nos planos estadual e federal, ou então, como detentores monopolistas de competência técnica em projetos de investimento na área de siderurgia e mineração (MICELI, 08 de junho de 2002, p. 8).

Segundo Israel Pinheiro Filho⁶, seu pai via a Escola de Minas de Ouro Preto como um grande exemplo de escola superior, pois morava-se e estudava-se

⁶ Em depoimento em 28 de maio de 2002, em Belo Horizonte.

com tranqüilidade. Vivia-se em harmonia com a cidade e às vezes até isolados dela, dentro de ambiente que selecionava os melhores alunos do Brasil, inclusive dos grandes centros em um mesmo local. Para Israel⁷, este tipo de Escola poderia ser repetida em Brasília, porém, nas disputas com o educador Darcy Ribeiro, o educador levou a melhor em relação ao engenheiro.

A Escola de Minas tem o diferencial de fazer com que os alunos e ex-alunos estejam em contato direto. O ambiente de Ouro Preto passa a ser moldado com a transferência da capital de Minas Gerais da cidade de Ouro Preto para a nova Belo Horizonte. Portanto, a cidade de Ouro

⁷ A atuação de Israel nos cargos estaduais foi exclusiva para a criação de escolas técnicas, como a Fazenda-escola Florestal, ligada à Escola de Agronomia de Viçosa, a Escola Superior de Veterinária e o Instituto Biológico, todos em Belo Horizonte, além de incentivar a ampliação da Granja Escola João Pinheiro e a Fábrica-Escola Cândido Tostes, em Juiz de Fora.

Preto passa a ser a cidade das repúblicas, com um sistema estabelecido de casas com preços razoáveis, a partir da transferência da capital de Minas para Belo Horizonte em 1897, pois

Ouro Preto tinha afamados creditos educacional. Clima benigno, um tanto frio, excellente. Altitude de 1.100 metros. Agua abundante, das melhores do Brasil. Cidade pequena, de vida tranqüila. Ambiente acariciador. Familias affectuosas, acolhendo estudantes. Vida barata, tão barata, depois da mudança da Capital, que uma casa se alugava por 20\$000. Alguns predios cahiram e outros eram dados para moradia para se conservarem gratuitamente. Em "republicas" o estudante podia viver com apenas 100\$0000 mensaes! Estudava-se de graça na Escola de Pharmacia e na

Escola de Minas! (RACIOPPI, 1940, p. 13).

Ouro Preto era um local ideal pois fornecia boas condições de permanência razoável durante todo o ano. Pedro Rache, formado em 1901 na Escola de Minas, relata sua experiência de estudante em Ouro Preto. Quando explica “a idéia de estudar em Ouro Preto”, este autor tenta nortear os motivos para não escolher a cidade do Rio de Janeiro, cuja Escola estava entre as oficiais de boas referências. Neste período, o conceito sobre Ouro Preto era o de cidade pequena, calma, clima excelente, com duas Escolas de alto nível. Travando contato com um colega, não estava este interessado em ir para o Rio de Janeiro, que estava infestada pela febre amarela e “era o terror dos estudantes riograndenses”(RACHE, 1954, p. 22):

Todos os dias era eu surpreendido com a notícia da morte de algum colega ou conterrâneo, que dias antes, ao embarcar para o Rio, havia visto cheio de saúde e contente, alimentando os mais belos sonhos do futuro, sem pressentir que dias depois, logo de chegada à Capital Federal, o terrível flagelo o aniquilaria para sempre (idem, ibidem).

Os estudantes que vinham fora do Estado, geralmente faziam a opção de se dirigirem de trem até o Rio de Janeiro, e em rápida passagem, apanhavam um outro para Ouro Preto. Rache e seu amigo ficaram impressionados num primeiro passeio por Ouro Preto, no final do século XIX, antes da transferência para Belo Horizonte. Não era tão atrasada quanto imaginavam: “Cafés! Esplêndidos cafés!

Lojas de fazendas, armazéns de especialidades, gente de bom aspecto passando pelas ruas!” (idem, p. 30). Os estudantes geralmente vinham para um curso preparatório ou anexo à Escola de Minas para enfrentarem um exame de admissão bastante rigoroso. Sendo admitido, morava-se em uma república que era administrada geralmente durante um mês pelo seu Presidente. As repúblicas estabelecidas eram divididas por gaúchos, cearenses etc. Ouro Preto conseguia atrair muitos estudantes, pois se tinha uma imagem bastante positiva. O relato de Dequech, que viveu nos anos 50 é fiel:

O aspecto provinciano da cidade, o seu notável passado, a boemia, a descoberta da liberdade por uma juventude pouco vigiada, o espírito acolhedor do ouro-pretano com sua compreensão e

bondade, as contas penduradas, e, acima de tudo, a presença constante dos professores, seja nas escolas, fora delas, e até em casa, a inculcar o culto ao dever e à responsabilidade (DEQUECH, 1984, p. 66).

Porém, a transferência da capital de Minas Gerais para Belo Horizonte provocou um grande impacto em Ouro Preto. A Constituinte especial convocada especificamente sobre o assunto reuniu-se em Barbacena no ano de 1893, com a presença de muitos ouro-pretanos ou de seus defensores que, em vão, barraram a transferência. Essa transferência para a nova capital reduziu a cidade de Ouro Preto em pelo menos 50% de sua população existente (MENICONI, 2000). Funcionários públicos, militares, muitos comerciantes, famílias inteiras partiram para Belo Horizonte. Entre os políticos

que não conseguiram impedir a mudança estavam Costa Sena, Rocha Lagôa e Camilo de Brito. Ouro Preto, com o novo regime republicano, passou a ser símbolo do atraso, da Monarquia e da anti-modernização:

Nos seus dois ultimos annos de capital do Estado de Minas Geraes, em 1896 e 1897, Ouro Preto se preparava para ver o governo se transferir para a cidade de Minas, hoje Bello Horizonte, onde se installou a 12 de dezembro de 1897. O commercio em apprehensões. O functionalismo, as repartições publicas, os escriptorios e os homens de negocios em perspectivas de mudança. A vida social em discreto retrahimento. Dominava o ambiente de tristeza desanimadora. Demonstrava a gente ouropretana, em contraste com o entusiasmo dos mudantistas ou mudancistas, a invencivel melancolia

dos que vêem um ente querido partir para não mais voltar (RACIOPPI, 1940, p. 49).

Por outro lado, os imóveis disponíveis em Ouro Preto tornaram-se fartos. Muitas destas casas foram cedidas ou ocupadas pelos estudantes, que as mantinham. Parece-nos que daí surge a fama de cidade ideal para se estudar. Quanto às casas cedidas, as famílias a liberavam porque era melhor deixá-las nas mãos dos estudantes que a cuidariam a ser ocupadas por estranhos ou simplesmente serem arruinadas pela ausência de uso. A desvalorização dos imóveis era às vezes tão gritante que achavam melhor deixar de quitar os impostos, pois não compensava.

No final do século XIX o então jovem Getúlio Vargas veio estudar em Ouro Preto. Morou, juntamente com seus

irmãos, em uma república dos gaúchos, em 1897. Dizem que morou numa república de nome Bastilha. Porém, a trajetória de Getúlio por aqui foi curta. Teve que sair apressadamente devido ao envolvimento de seus irmãos em um crime⁸. Jô Soares⁹ contextualiza o período vivido por este Presidente:

A rivalidade entre os moradores das várias repúblicas provoca, como de praxe, atritos e discussões. São comuns as refregas de estudantes no Bilhar Helena, na Rua São José, um dos pontos preferidos pelos rapazes que estudam na cidade (SOARES, 1998, p. 13).

O espírito das repúblicas de Ouro Preto são resumidos satisfatoriamente por

⁸ Ler RACIOPPI, 1940; RACHE, 1954; DEQUECH, 1984.

⁹ SOARES, Jô. *O homem que matou Getúlio Vargas: biografia de um anarquista*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998.

Kléber Farias Pinto: “a grande coisa de Ouro Preto são as suas repúblicas” (depoimento ao autor em 2002). Ele é categórico ao dizer que “nunca, em nenhuma outra parte, tantos enfatizaram e praticaram a tradição do companheirismo, da solidariedade e da convivência comunitária como os estudantes destas casas” (discurso na EMOP). E acrescenta que é “na convivência da república que se forjam os caracteres, o companheirismo, que é a essência do próprio homem” (idem).

Por outro lado, como já salientamos, a formação adquirida na Escola de Minas favorecia a criação de profissionais que agiriam principalmente no serviço público, não indiferentes ao pensamento de “servir ao país”. Até este período temos bons exemplos de que ser estudante era ter um compromisso, não apenas com a família que investia

grandiosamente na formação de seus filhos, mas com o próprio país.

2) As décadas de 50 e 60: antecedentes e fases posteriores

Os anos 50 são o início de um grande debate sobre o desenvolvimento brasileiro. Uma das forças deste debate é o nacionalismo, pois

O nacionalismo, no Brasil, em meados da década de cinquenta, vive um momento de afirmação. Há dois marcos desse fortalecimento: a criação da Petrobrás, em 3 de outubro de 1953 e a morte do presidente Getúlio Vargas em 24 de agosto de 1954. (SOUZA, 1993,p. 13)

As formas de desenvolvimento são debatidas, principalmente desde a 2ª Guerra Mundial, pois os países atravessam por grandes saltos de desenvolvimento, e muitas iniciativas econômicas foram incentivadas pela própria guerra. O novo reordenamento mundial, com o surgimento dos Estados Unidos como grande centro mundial ocorre em detrimento dos países europeus envolvidos diretamente na guerra, já que

O antagonismo entre os que desejam o desenvolvimento internacionalizado e os que pretendem o desenvolvimento econômico se intensifica a partir de 1954. As medidas nacionalistas de Vargas fortalecem essa segunda opção. No entanto, não são suficientes para garantir-lhe o apoio de que necessita (idem, p. 17).

Juscelino Kubitschek traz um novo pensamento para a política brasileira. Sua posição quanto aos grupos ideológicos em disputa é a seguinte: “O nacionalismo que eu adoto é aquele que se baseia no nosso desenvolvimento”.

Juscelino inaugura o discurso do “otimismo”, entendendo que “o Brasil não tinha confiança em si mesmo”. Para o discurso presidencial, não se fazia desenvolvimento sem mobilização popular. E é comum na elite brasileira a “idéia de que o Brasil é um país grandioso e, por isso, o brasileiro deve ser um otimista” (FICO, 1997, p. 21).

O “desenvolvimentismo” foi um recurso para gerar estabilidade, mobilizador e controlador das forças sociais e políticas (BENEVIDES, 1976, p. 26). O discurso juscelinista conseguia sustentar a retórica do desenvolvimento com soberania nacional com a prática da

entrada maciça de capitais estrangeiros na economia. O nacionalismo representava uma revolta contra o atraso brasileiro e as escolas superiores foram fundamentais na criação de uma **mentalidade nova** ao contexto criado pela ideologia do desenvolvimento.

Para este grupo que passa a ser denominado de “desenvolvimentista” e já com um grande líder, “a industrialização é a solução para todos os males da nação” (Kubitschek, 1962, p. 114). Quanto à definição correta do termo desenvolvimentismo, o estudo de Cassiano é bastante esclarecedor:

O termo desenvolvimentismo é de uso corrente a partir dos anos cinquenta, entre vários economistas que vêem, na ajuda externa e na injeção de capitais estrangeiros, as condições necessárias ao desenvolvimento econômico. Juscelino foi o responsável por sua

divulgação entre nós, associando o termo às suas realizações. Miriam Limoeiro Cardoso define desenvolvimentismo como, simplesmente, a ideologia do crescimento econômico a qualquer preço” (SOUZA, 1993, P. 48).

Nos anos 1950, “a burguesia brasileira era o sujeito do desenvolvimento brasileiro. Ela enfrentou latifundiários e imperialismos, produzindo transformações capitalistas importantes” (REIS, 1999, P. 165). A ideologia dominante, o nacional-desenvolvimentismo, propunha autonomia do mercado interno e industrialização em bases nacionais, contando com o apoio “da maioria dos intelectuais e instituições de esquerda brasileiras e latino-americanas” (*idem*, p. 251). A criação da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência, em 1948, do

Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CPNq), em 1951, são exemplos de um amadurecimento cultural e científico no Brasil.

A posição dos engenheiros a partir da década de 50 ganha um novo espaço, pois

À medida que nosso país fortalece a sua economia, promove o desenvolvimento de suas riquezas e se industrializa, mais importante e decisiva é a tarefa que aos engenheiros cabe desempenhar como técnicos e dirigentes e, conseqüentemente, mais ponderável é a sua atuação sobre as instituições básicas da estrutura social, política e cultural. (PIMENTA apud ROQUE, 1999, p. 49).

Nesta discussão sobre quem deveria assumir um papel-chave no desenvolvimento brasileiro, os ex-alunos

da Escola de Minas, que já vinham se destacando em funções desde Pandiá Calógeras e Israel Pinheiro, expressam sua posição também nos debates através dos discursos e dos seus canais de divulgação, inclusive por meio da Revista da Escola de Minas (REM).

Neste debate está evidenciado o caráter prático dos engenheiros, ao expressar que “os problemas do desenvolvimento econômico não podem ser resolvidos nos gabinetes, como pura abstração intelectual” (LANARI JÚNIOR *apud* ROQUE, 1999, p. 50). A ação eficaz do engenheiro contra o discurso fácil dos bacharéis, eis a tônica que já vinha desde João Pinheiro, pai de Israel Pinheiro: “criar o ensino técnico, para controlar a ação de um nefasto bacharelismo, causa

principal de todos os males” (Pinheiro apud ROQUE, 1999, p. 58)¹⁰.

A primeira grande obra civil da República foi o Porto de Santos, em 1892. A falta de condições para o desenvolvimento em que o país se encontrava seria um dos motivos do investimento na criação de infra-estrutura básica, como ferrovias, estradas e portos, para em seguida se passar à indústrias e cidades modernas.

Nesta conjuntura de “modernização” do país, a categoria profissional do engenheiro adquire um papel de destaque no âmbito das relações sociais, autoproclamando-se como únicos profissionais capacitados para colocar o Brasil em pé de igualdade com as nações ditas “desenvolvidas”, já que o ensino superior naquele momento

¹⁰ PINHEIRO, João Pinheiro. *Carta a Francisco Salles*, em 26 de Março de 1905.

ficava restrito aos cursos de direito, medicina, agronomia e engenharia (ROQUE, 1999, p. 20).

Um novo grupo que vai se destacando na política faz com que a repugnanção a um tipo de profissional seja mais acentuado:

Este “status” foi tomando maiores proporções, à medida que aumentava a crítica ao tipo de político característico no Brasil, desde os primórdios de nossa história política: o bacharel em direito (ROQUE, 1999, p. 9)

O primeiro desafio aos bacharéis, em termos concretos, veio dos ex-alunos da Escola de Minas de Ouro Preto:

Sob o manto dos militares orientados para a defesa dos recursos naturais, os engenheiros de Ouro Preto teriam se

infiltrado no aparelho do Estado, utilizando-se da informação técnica como recurso político e promovendo, segundo Luciano Martins, “o primeiro desafio feito aos bacharéis na área de política econômica (DELGADO, 1989, p. 12).

E, “... visando seu reconhecimento enquanto detentor de um saber “moderno”, científico, diante do saber arcaico e de inconsistência retórica dos bacharéis” (ROQUE, 1999, P. 21), a atividade técnica aliada ao crescimento da ciência parece ser factível, pois o processo de modernização em acelerado ritmo coloca os engenheiros como responsáveis diretos pela modernização do país (ROQUE, 1999, p. 9). O engenheiro assume sua posição nesta conjuntura, e sua qualificação técnico-científica é “especialmente voltada para atividades de

utilização da ciência no processo produtivo” (KAWAMURA, 1981, P. P.50).

De acordo a maioria dos estudos importantes sobre o assunto¹¹, apontam Minas Gerais no pós-30, sob “o predomínio de uma “tecnocracia” que conduz o processo de industrialização, diante da dispersão econômica do Estado e da incapacidade político-organizativa dos industriais mineiros (ROQUE, 1999, p. 150).

Por outro lado, o Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB), fundado em 1955, diretamente ligado ao Ministério da Educação, “foi ‘encampado’ pelo Governo Kubitschek com a intenção de transformá-lo num órgão de assessoria, apoio e sustentação à política econômica desenvolvimentista definida no Programa de Metas”(BENEVIDES, 1976, p. 241). Este Programa não orientava nenhuma

¹¹ Principalmente DELGADO, 1989 e ROQUE, 1999.

mudança estrutural na sociedade brasileira (*idem*, p. 77). O ISEB foi fundamental para compor o discurso de JK¹² e debater alguns problemas do desenvolvimento brasileiro:

De uma forma geral, os isebianos entendiam que a sociedade brasileira (pós-30 - pré-desenvolvimentista e na "fase de transição") se encontraria dividida basicamente em dois setores: dum lado, os "dinâmicos e produtivos" e, do outro, os "estáticos e parasitas". Por sua vez, estes setores poderiam abrigar parcelas das 3 classes fundamentais: burguesia, classe média e proletariado (TOLEDO, 1982, P. 117).

¹² O Instituto Superior de Estudos Brasileiros foi criado em 14 de julho de 1955 por decreto de João Café Filho, e extinto em 13 de abril de 1964 por decreto de Paschoal Ranieri Mazzili, que respondia provisoriamente pela Presidência da República após a deposição de João Goulart.

A fundação do otimismo no Brasil, como já dissemos, foi marcante principalmente com JK¹³:

O final dos anos 50 e o início dos 60, portanto, foram repletos de expectativas positivas, de uma exarcebação das esperanças em torno dos destinos do Brasil. Também em setores intelectuais, politizados e progressistas verificava-se essa esperança de construção de uma “nova era histórica” (MOTA, 1994:12) (FICO, 1997, P. 77).

3) Os “desenvolvimentistas” e Ouro Preto

¹³ As leituras mais importantes são: BENEVIDES, 1976; CARDOSO, 1978; FICO, 1997.

Juscelino inaugura a estrada Ouro Preto-Belo Horizonte em 21 de abril de 1952. Neste mesmo dia ocorre a primeira celebração do 21 de abril, quando a capital de Minas Gerais é simbolicamente transferida para Ouro Preto. A associação dos objetivos políticos do grupo sob a liderança de JK à figura de Tiradentes pode ser vista na interpretação de um dos correligionários de JK:

Ele instalou definitivamente neste País, mais que indústrias, energia e transporte, a confiança sonhada por Tiradentes: a convicção de que poderemos, se quisermos todos, fazer deste País uma grande Nação (CANABRAVA, 1991, P. 30).

21 de abril foi também a data escolhida para a inauguração de Brasília, pois Juscelino constrói sua imagem com

preocupação de “associá-la as tradições democráticas do povo brasileiro desde seus primórdios” (GOMES, 1991, p. 4). Bomeny lembra que “a cultura se faz pela incorporação, e não pela recusa da tradição” (BOMENY, 1991, p. 14. Desta forma, “de Minas Gerais, de suas cidades do ouro, vem a história de nossa luta pela liberdade, vem Tiradentes” (GOMES, 1991, P. 4). No discurso em Ouro Preto no 21 de abril de 1954, Getúlio Vargas evoca novamente a figura de Tiradentes:

É ainda a mesma bandeira (a de Tiradentes) que estamos empunhando na luta dos nossos dias pelos supremos interesses do Brasil. Apenas não combatemos hoje a tirania colonial e a prepotência da metrópole longínqua. A luta dos nossos dias é a de um governo legitimamente constituído, de base nacionalista e popular, contra a mentalidade negativista, que descrê do

nosso futuro, das nossas possibilidades e reservas, da capacidade criadora da nossa gente, enfim, que não acredita no Brasil (citar fonte).

A relação de Getúlio e JK à cidade de Ouro Preto não se trata apenas em termos simbólicos. A presença de ex-alunos da Escola de Minas nos dois Governos e os novos recrutamentos daí advindos, além da busca de soluções técnicas para as políticas de ambos, coloca Ouro Preto como espaço importante na rota destes dois políticos. A última visita oficial de Getúlio antes de seu suicídio foi a Minas Gerais, para a inauguração da Mannesmann, com a presença do então Governador Juscelino Kubitschek.

No Governo de Minas Gerais, Israel esteve presente em Ouro Preto no 21 de abril de 1966 e em outros anos. Destacamos este pois a situação de recém-

empossado não era das melhores. A vitória nas eleições de outubro de 1965 dos pessedistas Negrão de Lima e Israel Pinheiro, respectivamente, eleitos governadores do Rio de Janeiro e de Minas Gerais, foi uma revanche ao governo militar imposto em 1964. As comemorações, extremamente supervisionadas pelos militares, tivera a presença dos estudantes após apoio pessoal do Governador. A cidade repleta de cordões de isolamento e seguranças, não impedira que dentro das repúblicas de estudantes uma juventude discutisse uma formas de manifestar sua opinião contra os desmandos do momento. “Na noite anterior, as “repúblicas” de estudantes foram palco de várias reuniões, onde novos inconfidentes tramavam manifestações contra o governo militar” (MARTINS & MARTINS, 1992, p. 195). O palco era disputado por

autoridades municipais, estaduais e federais. Entre elas o Governador Israel Pinheiro, cercado por alguns dos jovens de que ele acreditava.

Esta data, ainda comemorada, não passa despercebida, pois vários protestos de diferentes setores geralmente acontecem todos os anos em Ouro Preto.

Os estudantes e Israel Pinheiro

“Israel acreditava na juventude, acreditava na sinceridade dos estudantes (Kléber Farias Pinto)”.

A principal entidade estudantil de Ouro Preto, o Diretório Acadêmico da Escola de Minas (DAEM) foi criado em

1931¹⁴, de acordo com o decreto-lei n.º 19.852 de 11 de abril de 1931.

O DAEM administrava atividades de estágios, bolsas de estudos e excursões. José Murilo levanta a hipótese de que a partir dos anos de 1940 os estudantes são o elemento mais dinâmico da Escola, pois “as atas da Congregação estão cheias de reclamações de alunos com relação à excessiva rigidez didática de professores, indo a greves e pedidos de afastamento de alguns” (CARVALHO, 1978, p. 143). Segundo o autor, desde 1942 foram idealizadas e colocadas em prática algumas alternativas no sentido de tornar a Escola mais dinâmica e a sair da crise que se inicia neste período, que não cabe aqui estender. Porém, três situações durante o Governo JK foram importantes para a Escola de Minas: 1) A fundação do

¹⁴ Neste ano de 1931 a Escola de Minas foi incorporada à Universidade do Brasil do Rio de Janeiro.

Instituto de Mineração Metalurgia, em 1958, com planos de dinamização do ensino e pesquisa científica e tecnológica, o desenvolvimento da pós-graduação e a contratação de professores estrangeiros; 2) A criação da Fundação Gorceix, para desenvolver pesquisas, fornecer bolsas para alunos carentes e alojamentos para professores e alunos (CARVALHO, 1978, P. 124); 3) Em 1960 a Escola de Minas desvincula-se da Universidade do Brasil e adquire autonomia administrativa, financeira, didática e disciplinar.

O relacionamento dos estudantes com a Comissão de Orçamento do Câmara¹⁵, através do intermédio de Israel Pinheiro¹⁶ começou em 1952, com a

¹⁵ Em 23 de maio de 1949 é apresentada uma proposição por Israel Pinheiro no qual pede abertura pelo Ministério da Educação e Saúde de crédito especial de CRZ 1.000.000,00, para a reconstituição do Fórum de Ouro Preto¹⁵.

¹⁶ “Parlamentar atuante e bastante influente em plenário, concentrou-se na defesa de sua gestão à frente da Companhia Vale do Rio Doce, durante o Estado Novo, e na participação

destinação de verbas para bolsas de estudo a alunos carentes, nas quais sempre era requisitada renovação ano a ano. Em 1953 foram conseguidas importantes verbas como Cr\$ 1.000.000,00 para a Casa do Estudante da Escola Nacional de Minas e Metalurgia de Ouro Preto, que segundo o Diretório, “esta verba, conseguida com o empenho de V. Excia., veio a sanar, em parte, o grave problema de nossa moradia”. Neste ano conseguiram recursos de Cr\$ 300.000,00 para moradia e assistência social, todas com o apoio de Israel Pinheiro.

nos debates referentes ao título “Da Ordem Econômica e Social” da Constituição, mormente àqueles seus dispositivos que regulamentavam a entrada de capital estrangeiro na economia, da qual foi um articulado e ferrenho defensor. (...) a favor da necessidade de planejamento para promover o desenvolvimento econômico do País e expressar sua postura no tocante ao capital estrangeiro (...) amplamente favorável à mudança da Capital Federal para a região compreendida entre os rios Parnaíba e Grande, no triângulo mineiro.” (BRAGA, 1998, P. 381).

Em ofício ao Presidente da Comissão de Finanças da Câmara Federal, Deputado Israel Pinheiro, datado de 14 de maio de 1954, o Diretório “mais uma vez, os alunos da Escola de Minas vêm, através de seu Diretório, solicitar do ilustre ex-aluno a valiosa intervenção para a renovação das verbas seguintes”, que eram:

- a) Cr\$ 1.000.000,00 – Casa do Estudante da Escola Nacional de Minas e Metalurgia de Ouro Preto, justificando que “ela precisa ser renovada para que possamos continuar em nossa luta de conseguir, para todos os alunos da querida Escola, moradias simples porém confortáveis e decentes” (idem).
- b) Cr\$ 100.000,00 – bolsas de estudo para os 36 melhores alunos mais

necessitados. “único auxílio aos estudantes pobres devido à quase não existência de trabalhos remunerados em Ouro Preto que possam ser realizados pelos mesmos. Nossos colegas precisam destas bolsas, pois, muitos deles, sem as receber, deixariam de estudar, havendo assim um prejuízo que V. Excia. pode evitar” (idem).

- c) Cr\$ 300.000,00 para solucionar problemas de moradia e assistência social;
- d) Cr\$ 300.000,00 - destinada à escola Nacional de Minas e Metalurgia para excursões, estudos de professores e alunos.
- e) Crédito especial para a Biblioteca da escola Nacional de Minas e Metalurgia da Universidade do Brasil

Os estudantes são muito atuantes nesta década de 50, pois na tentativa de melhorar as condições de vida do estudante e a qualidade de ensino na Escola de Minas, por intermédio do ex-aluno Israel Pinheiro, os alunos conseguem se aproximar do Presidente da República, Getúlio Vargas, e em 1954, ocorre a entrega de um memorial no qual “pedia auxílios diversos para a Escola de Minas e seu corpo discente” (ata do DAEM de 25 de março de 1955). Porém, o memorial foi arquivado devido a morte de Getúlio neste mesmo ano e as mudanças nas diretrizes do governo (idem).

A atuação técnica de Israel e a Escola de Minas: CVRD e a construção de Brasília

Neste tópico iremos falar da escolha de vários engenheiros de Ouro Preto na construção de Brasília. Poderemos a um primeiro instante indicar que a escolha destes engenheiros para a construção de Brasília foi uma forma de Israel Pinheiro, ex-aluno da Escola de Minas, premiar seus pares com uma obra monumental.

Porém, se apoiarmos na própria história da Escola de Minas até este período, e levando-se em condição o desenvolvimento do país, àquela época, indicaremos que houve esta intenção, porém, justificada no que a Escola representava e qual o dinamismo que aqueles profissionais imprimiriam à obra. Naquele momento de crise política - JK quase não toma posse se não houvesse a articulação de alguns setores diante de uma crise política que seria catastrófica -, o Plano de Metas destaca a construção da capital. A mobilização, as intenções e as

ameaças de certos atos políticos ocorridos no século XIX em torno de Belo Horizonte não diferiam do momento político de Brasília:

A mudança da capital do estado de Minas Gerais com a construção de Belo Horizonte mobilizou os republicanos mineiros do final do século passado. Entre os políticos que defendiam a mudança da capital encontramos João Pinheiro com o projeto de modernizar e industrializar Minas Gerais, centralizando racionalmente sua administração e unificando política e culturalmente o estado marcado pelo divisionismo de grupos que ameaçavam aquela unidade da recém-proclamada República com o separatismo, um fantasma político

que marcou a conjuntura do século XIX (BOMENY, 1991, P. 151).

A capacidade técnica dos engenheiros da Escola de Minas de Ouro Preto seria essencial para consolidar uma obra como Brasília. A experiência técnica e política de vários ex-alunos, como Israel Pinheiro, presente na política com destaque desde 1933 é um exemplo da aliança do político com o técnico:

O primeiro momento de afirmação desta tecnocracia teria sido a Secretaria de Agricultura, Indústria e Comércio e Trabalho, a partir de 1933, quando é colocada sob a direção de Israel Pinheiro da Silva, um ex-aluno de Ouro Preto (DELGADO, 1989, p. 13).

Segundo Delgado, a afirmação da tecnocracia mineira está calcada

primeiramente na discussão sobre o problema siderúrgico dos anos 30, nos quais diversos outros postos que requeriam o fator técnico como fundamental foram ocupados por engenheiros da Escola:

O principal centro de recrutamento desta elite seria a Escola de Minas de Ouro Preto, de onde provém um significativo número de técnicos que ocupam lugares em ministérios, além de presença destacada na elaboração do Código de Minas e do Código de Águas (idem, p. 11-12)

Desta forma, um grupo de ex-alunos da Escola de Minas passa a ser responsável por importantes decisões de Estado em Minas Gerais, já que

Neste momento de reconfiguração de forças nos campos político,

econômico e social, personagens como Euvaldo Lodi, Américo Giannetti e Israel Pinheiro tiveram importância fundamental junto às decisões do Estado. A participação destes em órgãos decisórios estratégicos possibilitou-lhes a articulação dos conflitos entre as diversas forças em confronto (ROQUE,1999, p. 11).

A competência técnica deste grupo afirma o pensamento emopiano de aliar o saber técnico à prática, porque a

A Escola se transforma, assim, em um instrumento para a elaboração dos intelectuais de diversos níveis. É na escola que se forma o colegiado deliberativo, que buscará incorporar a competência técnica necessária para a intervenção prática na sociedade (ROQUE,1999, p. 15).

Um dos grandes projetos nacionais, a Companhia Vale do Rio Doce (CVRD), teve a frente um ex-aluno da Escola de Minas, Israel Pinheiro. Israel participou da Comissão dos Acordos de Washington, que foram assinados em 1942, cujo resultado principal foi a criação da empresa, sendo seu primeiro presidente. Segundo Kléber Farias Pinto este foi um dos motivos que levaram JK a escolhê-lo entre tantos técnicos para construir Brasília:

O Juscelino precisava de uma pessoa para ser efetivamente o mestre de obras, alguém que construísse ou sonhasse ou tivesse peito pra enfrentar um desafio de construir uma cidade. E bateu na cabeça dele somente um nome: era o Israel Pinheiro. Quem era o Israel Pinheiro? Era um engenheiro da Escola de Minas que tinha sido o primeiro da

sua turma, que tinha ganho pela primeira vez na Escola de Minas um prêmio de viagem à Europa, por ser o estudante mais brilhante da Escola. Então ele ganhou um prêmio de viagem a Paris, feito pelos franceses para estimular o melhor aluno da Escola de Minas. E era um homem que à época ele era Deputado Federal e era Presidente da Comissão de Finanças, além de ser um engenheiro brilhante. O Israel Pinheiro foi o homem que teve a visão de criar a Companhia Vale do Rio Doce. Ele é o criador da Vale do Rio Doce, que é a primeira maior empresa de mineração isoladamente no mundo inteiro. A Companhia Vale do Rio Doce é um monumento de empresa. E foi o Israel que criou a Vale do Rio Doce. Foi ele que abriu a mineração, que fez a estrada de ferro. (...) E aí Juscelino pegou e: “É esse homem que eu preciso pra construir Brasília. (PINTO, 2002).

A Escola de Minas permitia a formação de um grupo coeso e influente, pois “as excursões e o próprio ambiente da cidade de Ouro Preto contribuíram para dar aos ex-alunos um sentimento mais intenso de nacionalismo” (CARVALHO, 1978, p. 75). Além disto, o pioneirismo dos ex-alunos da Escola em diversos empreendimentos minero-metalúrgicos, credenciaram a escola e os profissionais formados a este empreendimento de Brasília, pois

Talvez o fator de maior peso na ampliação geográfica da influência dos ex-alunos tenha sido sua conhecida disposição em trabalhar em lugares remotos ou fazer longas e exaustivas excursões, no início em lombo de burro, na prática da profissão. Isto é uma herança tanto do espírito de trabalho e

pesquisa implantado por Gorceix, como da localização de Ouro Preto fora de grandes centros (CARVALHO, 1978, p. 89-90).

Um caso exemplar deste desprendimento profissional é o do engenheiro Pedro de Moura, um dos primeiros a perfurar postos de petróleo no Brasil e a desbravar a Amazônia neste intento:

Sua estada na Amazônia caracterizou-se por um constante batalhar no estudo dos recursos minerais, não só em busca de petróleo como do ouro do Amapá e do Gurupi. Suportou uma vida de sacrifício, vivendo na mata ou nela de deslocando periodicamente, em seus reconhecimentos geológicos no Tapajós, Oiapoque, Gurupi e Acre (LUZ, 1976, p. 4).

Esta atuação dos ex-alunos da Escola de Minas e o ambiente existente em Ouro Preto no qual se apregoava um chamado “espírito de Gorceix”, na verdade era um sistema escolar apoiado na solução das grandes questões nacionais. Segundo José Ramos Dias:

O espírito de Gorceix era o espírito brasileiro. Era o espírito da pessoa que ama o seu país e defende o seu país, que quer o progresso do seu país. (...) Muitas vezes você encontra a pessoa certa para o lugar que ainda é incerto, e ele cria (transforma) esse lugar. (...) A sensibilidade das pessoas prá isto é uma coisa importantíssima de ser exaltada. E só pessoas de boa formação moral, intelectual e cultural são capazes de abrir caminhos, ou dar diretrizes para

que o país possa caminhar (DIAS, março de 2002).

Um dos professores da Escola de Minas que mais divulgou este “espírito de Gorceix” no século XX chamava-se Joaquim Maia.

Maia sempre trabalhou direcionando a pessoa a defender o país, a defender os bens do país, a preservar o país de alguma forma da espoliação, da extração indevida, especificamente no caso de Maia, do minério, da extração não predatória, de acabar, de arrasar e deixar a terra arrasada, numa conscientização pré-ecológica que hoje é moda, mas que na época já era pensada, já era feita dessa forma (idem).

Podemos falar aqui em “Novos bandeirantes”¹⁷ quando o aventurismo científico e a ousadia em diversos empreendimentos tiveram a presença de ex-alunos da Escola de Minas. Inclusive este grupo “através dos discursos veiculados na Revista da Escola de Minas, este grupo se autoproclamava como “bandeirantes dos tempos modernos e verdadeiros cruzados da nossa redenção econômica”(ROCHA CITADO POR ROQUE, 1999, P. 112). Então, o grupo de engenheiros da Escola de Minas tinha uma formação teórica ampla e uma prática singular, moldada em um ideal implantado e que fora mantido ao longo do tempo. Quanto ao fundador da Escola de Minas, Henri Gorceix,

¹⁷ “Já em meados do século XX, continuam sendo os “novos bandeirantes” do país, agora responsáveis pelo desenvolvimento de indústrias estratégicas para a independência econômica do país”(ROQUE, 1999, p. 66).

.seu grande mérito (foi) ter suscitado em seus primeiros alunos um estado de espírito que se consolidou e foi transmitido como herança sagrada e que, após meio século, ainda perdura vivaz na atual geração; firmou-lhes na mente o sentimento do dever, do amor ao trabalho, da total e voluntária subordinação a qualquer interesse aos serviços públicos (MORAIS apud ROQUE,1999, p. 65).

Podemos afirmar, em hipótese, que um dos motivos de escolha de Israel, e posteriormente a escolha do grupo de engenheiros para ocupar postos-chaves na construção se deve, em primeiro lugar à experiência e a formação destes engenheiros. Em segundo lugar, a coesão que o grupo mineiro teria no decorrer das obras, pois o espírito de equipe ali seria

importante, conforme a afirmação de Kléber Farias Pinto:

Israel, o que Israel fez? Ele disse: “Ah, eu tenho que fazer uma equipe pra levar para Brasília”. Mas qual era a equipe de Israel? Era os amigos dele aqui das repúblicas (de estudantes), era os caras que ele conhecia, que ele confiava, que ele sabia da integridade deles. Ele quis saber da competência de cada um, quis saber da lealdade que teriam a ele, que jamais iriam traí-lo, não iriam passá-lo para trás, iriam fazer uma falcatrua. Então, começou a juntar, juntar os caras da Escola de Minas para ir para Brasília. (...) Para se construir a cidade, você precisava: 1) de rodovias, de pavimentação para abrir as ruas, rodovia para chegar a Brasília, precisava de energia elétrica, precisava fazer a rede de esgotos, precisava fazer as construções civis todas que tem lá,

precisava de materiais de construção prá poder edificar. Ele foi catando as pessoas nesta área. Precisava primeiramente de planejamento. Então, ele como Presidente da Novacap, então ele criou departamentos-chaves da Novacap: Diretoria-Executiva, que era o máximo tope abaixo dele. Quem é: Moacir Gomes de Souza, gaveteiro de Mariana, estudante, colega dele aqui em Ouro Preto, que passou a ser o Diretor-Executivo. Do Diretor-Executivo começava a derivar as outras Diretorias. A mais importante de todas: estudos e projetos de Brasília. Fazer o estudo. O sujeito pegava lá no mato e fazia a locação dos pontos onde abre a estrada, onde é a rua, onde passa os níveis, onde é que ficam os palácios, com o jogar a teoria do Lúcio Costa para o chão. Quem é que é o Presidente do Departamento de Estudos e Projetos? Jofre Mozart Parada, da

República Vaticano, o primeiro engenheiro a pisar em Brasília.(...)E a parte de águas e de esgotos, que eram obras imensas para uma cidade daquele tamanho: Targino de Souza, um outro engenheiro daqui da Escola de Minas.(...)depois a parte da energia elétrica. Sem energia elétrica não se tinha nada. Primeiro nome que ele lembrou: Cássio Elizio de Figueiredo Damazio.(...) E o Cássio era Presidente da Empresa Brasileira de Engenharia (EBE), que tinha uma experiência imensa na parte de engenharia elétrica, e chamou um cara que era um geninho da energia elétrica, que morava no Reino de Baco, era um dos fundadores da (república de estudantes) Reino de Baco, cujo nome Eitel Burger Frambach. E o Frambach era o grande técnico que projetou toda a parte da energia elétrica, e pegou mais uma meia dúzia. E na esteira do Cássio entrei eu,

o Cássio disse: “Você é um cara bem pra frente, você tem que me ajudar, vai pra Brasília”, o mesmo papo do JK. Lá vou eu atrás do Cássio e do Frambach pra fazer aquela parte de Brasília. Pra descobrir pedreiras, pra fazer areia, Carlúcio Barbosa da Silva. Pra construir acampamento, pra chegar todo mundo. A primeira coisa quando o sujeito contrata é montar acampamento pro pessoal da Novacap. E aí já entrou o Arthur Werneck pra construir e o Juca Vieira de Resende. Todo mundo da Escola de Minas de Ouro Preto. Israel confiava nestes caras. Eles conheciam quem eram patife, quem era moleque. Era pessoas da repúblicas. Foi esta equipe, nestes postos-chaves responsável pela construção de Brasília. O trabalho de Israel é monumental. (idem).

Estas afirmações anteriores sobre a escolha do grupo e a importância de um grupo coeso nesta obra são importantes pois o próprio Governo tinha um desafio: construir o essencial da cidade em apenas três anos. E isto sem uma operação coordenada, dentro de uma conjuntura conturbada que foram os primeiros anos do Governo JK, que ia das dificuldades da posse, da consolidação de Brasília como meta-síntese do Governo, sua principal realização não teria êxito. Foi também o principal ponto dos opositores de JK, que iam desde argumentos de que a obra seria desnecessária para o país à denúncias de corrupção nas obras.

Por isto, nossas conclusões se direcionam a um conjunto de aspectos positivos para a escolha desta equipe de engenheiros na construção. A transferência do ambiente para os

canteiros de obras de Brasília é um outro aspecto a ser destacado:

“Israel procurou dentre a equipe da Escola de Minas de Ouro Preto, dos engenheiros que se formaram lá, há 120 anos - hoje a escola tem 120 anos de vida - aqueles que eram os mais destacados, os mais conhecidos, os mais inteligentes, que tinham empresas capacitadas, e convocou-os pra vir ajudá-lo a construir Brasília. Nessa leva vieram muitos. (...) Israel trouxe uma equipe grande de engenheiros de Ouro Preto. E cada um desses também pegava os seus colegas de Ouro Preto e traziam pra formar a sua equipe. Claro que eles queriam, cada um queria trazer sempre as pessoas em que ele confiava, que ele conhecia, que ele sabia o seu trabalho. Formou-se uma equipe muito grande do pessoal de Ouro Preto que veio construir Brasília.(...) Então, uma

coisa muito importante desses colegas [era] a experiência que eles tinham e a confiança que tinha o Israel. Não só a confiança técnica, como a confiança de honestidade, de integridade, porque a construção de Brasília foi feita assim com muita liberdade, quer dizer, se as pessoas não fossem corretas poderiam fazer tremendos desmandos aqui. E aconteceu que as pessoas que poderiam mais ter se aproveitado da construção de Brasília foram Israel Pinheiro que morreu pobre, coitado, não deixou patrimônio praticamente que nenhum pra sua família, e Kubitschek que deixou o quê? A sua fazendola em Luziânia e poucas bobagens pra sua família. Isso foi muito importante, essa contribuição de Israel Pinheiro, que era o nome número um. E o número dois da construção de Brasília chamava-se Moacyr Gomes e Souza. O Israel era o presidente da Novacap e Moacyr era o

diretor de Operações da Novacap. Também um engenheiro da Escola de Minas de Ouro Preto” (PINTO, 1989).

Até os anos 60, período de construção de Brasília, os estudantes da Escola de Minas viviam praticamente em repúblicas. Na república estudava-se, dormia-se, comia-se, conversava-se, passava-se os cinco ou seis anos de Escola como uma família. Quanto a este espírito da construção, as equipes não teriam problemas de convivência, pois transplantaram para lá o “espírito das repúblicas” daqui de Ouro Preto. Segundo Kléber Farias, é uma casa onde se forjam caracteres, pois

“É importantíssima na vida profissional a função da república. Ali se revelam, inteiramente, as tendências humanas, o senso de responsabilidade, de tolerância, de agressividade, de organização, de lealdade e de garra. São

centenas as equipes de sucesso nos grandes empreendimentos que foram formadas a partir desse conhecimento. (...) As repúblicas sempre se constituíram como uma família mais verdadeira que a consangüínea. Isto porque cada um escolhe seu 'irmão'. Não há o grupo familiar imposto e muitas vezes detestável. E se o escolhido não é o ideal você o substitui. A comunidade assim formada convive durante anos e anos. E o mais rico nunca leva vantagem. Mas a dignidade de cada um é o que conta para nivelar a vida em comum". (PINTO, 2002, p. 17).

Para Kléber, este é o principal motivo da escolha dos ex-alunos de Ouro Preto para ocupação dos postos-chaves de Brasília, principalmente Israel Pinheiro. Não podemos afirmar com precisão a opinião deste ex-aluno, apenas que este espírito

esteve presente nas obras, como se realmente estivesse em uma “grande república”. A escolha de Israel segundo Kléber é

Porque se ele tinha necessidade de competência, fidelidade, lealdade e capacidade de união, congraçamento e formação de equipe – como se fossem uma grande família – que se formou no espírito de viver em comum na república” (PINTO,10 de junho de 2002).

A análise da escolha do engenheiro Israel Pinheiro para Brasília pode ser uma soma de critérios. Não era apenas competência técnica, mas competência política. Não era apenas uma função de administração, mas de liderança e de exemplo. Desta forma, não um cargo que Israel iria assumir, mas

uma missão, como o próprio Presidente JK salientou:

Bem sabia que na engenharia brasileira, na nossa prodigiosa arquitetura, no nosso modelar e avançado urbanismo, nomes tecnicamente credenciados não faltariam. Mas o de que eu precisava era de alguém que trabalhasse em uníssono comigo e que fielmente executasse a obra tão carinhosamente concebida. E foi então que, por entre as solidões das madrugadas, achei o nome e nele me fixei: Israel Pinheiro. Tinha competência, coragem e dedicação. Coragem, sim, e muita, para suportar e enfrentar o mundo de controvérsias que a construção de Brasília sugeria (Kubitschek, 1994, P. 570).

Em Brasília estes engenheiros tinham as mesmas dificuldades, os mesmos

caminhos e desafios, que eram vivenciados coletivamente. Este espírito presente em Ouro Preto foi transplantado para Brasília, sem dúvida nenhuma. O espírito de Brasília, conforme texto de Luís Duarte da Silva sobre a construção de Brasília, representava “amálgama de entusiasmo, idealismo, amizade e confiança”. O próprio Israel definiu este espírito de Brasília após a construção da cidade.

Trabalhávamos em pleno sertão deserto, a mil quilômetros dos principais centros do país. O isolamento em que de repente nos vimos, com gigantesca tarefa a ser enfrentada partindo da estaca zero, terá também contribuído para a solidariedade dos homens a quem a Providência reservara a felicidade

do trabalho com alegria – o da criação. Havíamos deixado longe as preocupações do cotidiano, substituídas por missão excepcional que não admitia a idéia de malogro. Essas condições favoreciam a integração, a confiança recíproca, o respeito e a amizade” (PINHEIRO, 1994, p. 22).

No trabalho que realizamos sobre as repúblicas¹⁸, pudemos analisar a opinião de ex-alunos, inclusive os que estão no comando de grandes empreendimentos ou empresas, que manifestaram a mesma opinião quanto ao aprendizado de viver

¹⁸ Projeto “Reconstrução Histórica das Repúblicas Estudantis da UFOP” que produziu o livro “Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: Trajetórias e Importância”.

em grupo nas repúblicas de Ouro Preto. João Bosco Silva¹⁹ é categórico:

Uma primeira me parece fundamental - na república aprendemos a viver e a trabalhar em equipe e de uma forma fraterna. E isso me parece fundamental, porque ninguém vive sozinho. Além disso, ter espírito de equipe no mundo de hoje é básico. Numa república de estudantes você aprende a respeitar as opiniões das pessoas, a conviver com as diferenças e a argumentar, porque esse é um ambiente realmente democrático. (...) E isso eu considero uma base importantíssima da nossa formação para a vida e para a profissão,

¹⁹ João Bosco Silva foi Presidente da Alcan-Brasil, em 2000. Atualmente é um dos diretores do Grupo Votorantim.

porque ao longo da nossa trajetória, vamos enfrentar desafios semelhantes como o de trabalhar e conviver com pessoas também com formação, histórias e visões muito diferentes das nossas. Um outro aspecto importante da vida em república é você construir o seu *network* de trabalho, uma rede de pessoas com as quais pode contar e trocar experiências ao longo de toda a vida. Sempre se diz que em Ouro Preto existe uma “máfia” e acho que essa “máfia” é positiva e começa a ser construída dentro da república, na forma fraterna como vivemos nesse ambiente. Ali a gente constrói amizades importantes e faz contatos que vão nos ajudar no nosso futuro profissional de uma maneira sobre a qual não nos damos conta enquanto vivemos a experiência.

(...) Dos relacionamentos e amigos que fiz no meu tempo de estudante em repúblicas, mantenho contato com várias pessoas até hoje. Naturalmente depende muito das cidades onde estão, mas sempre converso com ex-colegas de república e procuramos manter esse contato, seja por telefone ou quando viajamos para cidades onde moram alguns colegas. É uma relação que se mantém muito viva e faço questão disso. Não tenho dúvida que eles também fazem. Esse é o espírito que o tempo de universidade e de república nos inspira (SIILVA, agosto de 2000).

Os engenheiros ocuparam diversos postos, de acordo com a equipe que trabalhavam ou da experiência que

tinham. Nosso principal depoente, Kléber, ocupou a seguinte função:

Então eu chegando aqui a convite dele fiquei encarregado de fazer a rede elétrica subterrânea, a parte de engenharia civil da rede elétrica. E uma das tarefas que eu tive, a primeira, primeiro dia que eu cheguei, um dos colegas meus teve que se ausentar e eu fui colocado pra trabalhar nas obras de instalações do Palácio do Planalto e da Câmara dos Deputados. Eram duas obras realizadas pela EBE. Posteriormente eu cuidei da rede elétrica subterrânea e iluminação pública. Eu fiz a colocação dos primeiros postes pra iluminação do Eixo Rodoviário Sul e Norte. Fazendo, delineando com luzes o Plano Piloto, que o Juscelino disse que queria voar Brasília, enxergar Brasília de noite,

com toda iluminação do Plano Piloto (PINTO, 1989).

O prazo relativamente pequeno para se construir uma cidade como Brasília – de campo à aos prédios modernos – se as obras não ocorressem dia e noite, que para alguns trabalhadores candangos passava de 18 horas, não se concretizaria a tempo a construção. A rotina enfrentada, segundo Kléber foi a seguinte, que tinha sempre a supervisão direta de Israel Pinheiro:

A minha rotina de trabalho era a gente levantar 6 e meia da manhã, pra 7 horas tá na frente de trabalho, começando a cuidar da minha parte específica, da rede subterrânea, e com o cuidado muito grande de chegar às vezes até 7 ou um pouquinho antes das 7, porque o doutor Israel Pinheiro, que era o presidente da Novacap, ele inspecionava todas as

frentes de trabalho. E ele costumava chegar 6 e meia, antes da gente, e quando a gente chegava no trabalho às 7 da manhã já tinha uma espinafração dele lá, dizendo que tinha prometido, que a rede ia terminar, que já era tempo, e que era pra trabalhar porque Brasília precisava da colaboração da gente, nós estávamos muito mole, que talvez fosse competente mas 'tava muito devagar, que ele queria que andasse mais depressa. E essa coisa continuava o dia inteiro, e só se acabava de trabalhar 1 hora da manhã. Então era de 7 à 1, uma turma só; todo mundo trabalhava, todo mundo feliz. E todos os dias eram isso, ou seja, até o dia da inauguração que foi uma apoteose. Mas o trabalho era feito com muito amor e muita responsabilidade porque todos os dias a gente fazia, a gente dizia pras pessoas, a gente ouvia o caso de que o Brasil estava comprometido perante o mundo de

inaugurar a sua capital em 21 de abril. E se nós não déssemos tudo, não déssemos todo o nosso suor para isso, ia ser uma desmoralização internacional do Brasil. Nós tínhamos que fazer uma afirmação perante o mundo inteiro, e não desmerecer a engenharia brasileira e o destemor que tinha o país de cumprir as suas grandes metas que eram as metas que Juscelino estabelecia naquela época (idem)

Um dado interessante era a vida do acampamento, que não diferenciava da vida de Ouro Preto à época:

Era, era uma prática pra manter o acampamento todo organizado, porque o acampamento tem que dispor de tudo. Tinha que dar um pouco de lazer pro pessoal. (...) Todo mundo que trabalhava na empresa, eram muitos, vivíamos todos no acampamento. Os

operários solteiros em alojamentos, os engenheiros casados em casas, e o presidente da empresa também em casa, todos vivíamos lá também. (...) Na sala eu fiz um bar onde eu chamava a turma para tomar uns goles, de fim de semana, e era o bar da EBE. Era o bar da EBE. Então eu botava B, EBE, então ficava "BEBE BAR". Eu botei na porta uma plaquinha assim: "BEBE BAR". Era o bar da EBE (idem, ibidem)

O espírito dos construtores, especificamente aqueles oriundos da Escola de Minas de Ouro Preto, eram movidos por esta ideologia desenvolvimentista, aliás, respiravam o chamado “espírito de Gorceix”, que também era marcante. O empenho dos homens que trabalhavam além do que podiam era devido a um sentimento de responsabilidade pelo país:

Olha, essa coisa era muito integrada. Os operários que vinham para aqui, todos eles estavam dispostos não só a trabalhar como eles tinham, realmente, um sentimento de brasilidade. Eles tinham uma importância, eles sentiam que eles estavam fazendo uma coisa diferente. Então, como eu lhe disse, o trabalho começava às 7 da manhã e não tinha hora pra terminar. Todo mundo ganhava as horas extras e quando se aproximou mais o 21 de abril, que ninguém tinha dúvida de que se ia inaugurar a cidade, aconteceu um fato inédito, inesperado. É que um belo dia lá, numa quinta-feira, o operário chegou lá pra mim e falou: "Olha doutor, amanhã não pode trabalhar." "Você tá maluco? Por que você não vai trabalhar amanhã?" "O senhor esqueceu que hoje é Quinta-Feira Santa e amanhã é Sexta-Feira Santa, e Sexta-Feira Santa não é dia de trabalho." Então eu fiquei

*apavorado, isso já próximo da inauguração. E eu juntei meus operários, eu tinha mais de 600 homens trabalhando comigo aí. Juntei aqui no Eixo Rodoviário e peguei o meu jipe, o jipe tinha capota de aço, subi no jipe, juntei a turma toda, fiz um discurso. Fiz um apelo pros operários, dizendo que era Sexta-Feira Santa, e que Cristo também estava junto com a gente, e que ele abençoava sempre o trabalho das pessoas, e que ele não ia ficar ofendido por a gente trabalhar porque ele **tinha uma coisa maior que era a responsabilidade do Brasil** (grifo nosso), e que todo mundo devia trabalhar na Sexta-Feira Santa só uma vez na vida, e que depois da inauguração por conta daquela Sexta-Feira Santa eu dava cinco dias de dispensa pra todo mundo. Mas eu não podia perder um dia na véspera da inauguração, que nós estávamos fazendo exatamente a*

iluminação lá do Eixo. Pra minha surpresa, no dia seguinte não faltou um operário, todos compareceram pra trabalhar. E eu tive que dar cinco dias de graça depois pra eles, depois da inauguração. Então o espírito era esse, todo mundo colaborava, todo mundo queria, todo mundo tinha satisfação, e todo mundo ganhava o seu dinheiro, mas era de uma forma extremamente desprendida e patriótica. Ninguém falava em pátria amada não, mas todo mundo tinha noção de uma grande responsabilidade: a de ajudar Juscelino a inaugurar Brasília (idem, ibidem)

A posição de Israel na gerência” da Novacap pode ser comparada a de um Presidente de uma “república estudantil”. Os valores estavam acima das pessoas, valores que se aprendem nas repúblicas estudantis, que o grupo de engenheiros conheceu bem de perto, pois “não havia

ambições pessoais, não havia preocupação de dinheiro, não havia emulações subalternas” (PINHEIRO, 1994, p. 23). O sentimento das obras era de que “cada um dos que viviam nos canteiros de obras, qualquer que fosse sua função ou encargo, como que tomara férias de suas próprias ambições (idem). Nas obras um dos papéis principais de Israel era o seguinte:

O relacionamento maior da EBE era com o próprio doutor Israel, que era um engenheiro e que controlava o dinheiro, o que interessava era o dinheiro. E ele fazia aquelas exigências absurdas, conforme eu falei, quer dizer, ele antes de mais nada ele te xingava pra poder despertar a sua reação, quer dizer, uma reação positiva, mostrando que seu prazo ‘tava atrasado e que você não ‘tava colaborando e que era, e a gente se sentia em brios e voltava pra trabalhar com afinco. Mas o relacionamento

sempre foi o melhor possível. Ele espremendo todo mundo na hora de pagar as faturas, no sentido de exigir maior velocidade e maior eficiência nas construções. Ele, como era técnico, ele realmente enxergava um defeito, quando ele via um pequeno defeito ele fazia um escândalo. E tudo isso, quer dizer, todo mundo vivia debaixo do tacão do Israel aí. Falar com o Israel a gente tremia de medo. Ele no fundo era um coração imenso; que era incapaz de fazer alguma coisa contra alguém. Mas a maneira dele falar, e como ele te colocava em brios deixava a gente sempre nervoso quando ia falar com ele. Eu levei umas três ou quatro espinafração dele, e às vezes até bilhete de recado malcriado (idem, ibidem).

Por fim, relacionado às obras, a liderança de Israel Pinheiro e do grupo para concretizar a construção deve ser

bastante pensada. O orçamento da obra não era problema, Israel Pinheiro tinha todas as garantias do próprio Presidente, porém, baseando-se nos programas milionários de obras que tornaram verdadeiros esqueletos em outros períodos da história brasileira, Brasília foi uma grande exceção:

Sem Israel Pinheiro Brasília não teria existido. Como não teria existido sem Lúcio, sem Oscar e sem Juscelino. Mas o Israel é que propiciou, porque se Israel não fosse daquele seu... maneira agressiva de conduzir as obras. Não fosse um técnico de remonta, e se não tivesse o apoio dessa equipe, principalmente esses engenheiros - eu lhe falei, eu tenho a lista inteira deles -, do grupo que ele trouxe de Ouro Preto pra cá, pessoas que ele confiava, tudo tinha ido abaixo porque não tinha se cumprido o prazo. Então Juscelino

confiava em Israel; que Israel ia dar a cidade pronta pra ele no dia 21 de abril. Deu carta branca pro Israel e somente com um homem em que se acreditava, que era um técnico e de toda respeitabilidade, se poderia construir a cidade. Não fosse Israel Pinheiro, digo eu: não existiria Brasília. Qualquer outra pessoa que não tivesse aquela condição de Israel, que era um técnico, um financista - ele era presidente da Comissão de Finanças da Câmara dos Deputados. Tudo se realizou por conta da obstinação de Juscelino de fazer e de um homem que enfrentou as obras e que concluiu nos prazos, que foi Israel Pinheiro (idem, ibidem,).

Brasília não teria existido sem a capacidade profissional e a figura de Israel Pinheiro, conforme expressou Lúcio Costa. Não teria existido se não houvesse uma equipe preparada tecnicamente e

com um preparado para a vida difícil que isto ainda se aprende em Ouro Preto além dos muros universitários. Não teria existido se não existisse idealismo, com longa mobilização das forças da Nação, principalmente a força da sua juventude:

A natureza da missão atraía principalmente os idealistas. Os engenheiros que se apresentaram foram sempre jovens, que aliavam à capacidade técnica o anseio de participar de um empreendimento grandioso. Vinham cheios de esperança e confiança. Sua presença estimulante terá vigorado a experiência e a fé dos mais velhos (PINHEIRO, 1994, p. 22)

Para Brasília, segundo Kléber Farias Pinto, foram diversos ex-alunos da Escola de Minas que ocuparam os postos-chaves

na sua construção. Analisando os nomes listados por Kléber, pudemos comprovar a importância destas pessoas na construção, que segundo os ex-alunos mais exaltados, Brasília foi construída pelos engenheiros de Ouro Preto. Sabemos da existência de milhares de “candangos”²⁰ que tiveram uma participação importante neste empreendimento, que não devem ser esquecidos.

Nesta análise verificamos duas formações destes engenheiros: engenharia de minas e civil e de engenharia de minas, metalurgia e civil. E também, a existência de dois tipos de profissionais, aqueles com um tempo superior de dedicação à engenharia, mais de 20 anos de formado, e engenheiros bastante novos, com menos

²⁰ Candango é o trabalhador da construção de Brasília que veio de outros locais para exclusivamente trabalhar nas obras. Estes candangos permaneceram em Brasília mesmo após o fim das obras, ocasionando desta forma as cidades-satélites.

de 10 anos de formado, além de destacar o ano da sua formatura.

Entre os mais experientes engenheiros, destacamos os seguintes: Israel Pinheiro da Silva (Engenheiro de Minas e Civil - 1919): Presidente da Companhia Construtora da Nova Capital (Novacap); Moacyr Gomes e Souza (Engenheiro de Minas e Civil - 1935): Diretor-Executivo da Novacap, que substituiu Israel Pinheiro; Targino Pereira (Engenheiro de Minas e Civil - 1932): Chefe do Departamento de Águas e esgotos da Novacap; Cássio Elísio de Figueiredo Damázio (Engenheiro de Minas e Civil - 1943): empreiteiro da Empresa Brasileira de Engenharia (EBE), responsável pela Rede Elétrica (república Consulado); Eitel Burger Frambach (Engenheiro de Minas e Civil - 1932): engenheiro da EBE, responsável pela construção das redes e subestações de

energia elétrica (república Arca de Noé); Lívio Apeles de Araújo Lima (Engenheiro de Minas e Civil - 1935): chefe do setor de locações de edificações da Novacap; Sílvio Vilar Guedes (Engenheiro de Minas e Civil - 1940): empreiteiro (república Consulado); Custódio Braga Filho (Engenheiro de Minas e Civil - 1936): empreiteiro, que construiu as quadras 715/716, W3 Sul; Juber Vieira de Resende (Engenheiro de Minas e Civil - 1931): construção de residências e lojas (República Vaticano); Francisco Saturnino de Brito Filho (Engenheiro de Minas e Civil - 1923): Projeto de execução do sistema de águas e esgotos; Romeu Scorza (Engenheiro de Minas e Civil - 1927): setor de contratos da Novacap.

Entre os mais novos: Joffre Mozart Parada (Engenheiro de Minas, Metalurgia e Civil - 1949): Chefe do Departamento de Estudos e Projetos da Novacap (república

Vaticano); Kléber Farias Pinto (Engenheiro de Minas, Metalurgia e Civil - 1959): engenheiro da EBE, responsável pela construção das redes e subestações de energia elétrica (república Formigueiro); Carlúcio Barbosa da Silva (Engenheiro de Minas e Civil - 1945): fornecedor das pedras britadas para construção. Criou a primeira pedreira de Brasília; José Fabiano de Figueiredo (Engenheiro de Minas, Metalurgia e Civil - 1955): departamento de Viação e Obras/Setor Rodoviário (república Sinagoga); Geraldino Machado de Araújo (Engenheiro de Minas, Metalurgia e Civil - 1959): engenheiro da construção e primeiro Prefeito de Planaltina (república Formigueiro); Gerson Monteiro Guimarães (?): engenheiro e subprefeito da Cidade Livre (Núcleo Bandeirante); José Agostinho de Carvalho Filho (Engenheiro de Minas, Metalurgia e Civil

- 1955): empreiteiro, responsável pela construção de viadutos e pontes (República Pif-Paf); Uk Mendonça Lima (Engenheiro de Minas, Metalurgia e Civil - 1961): empreiteiro (república Arca de Noé); Antônio Augusto de Andrade Oliveira (Engenheiro de Minas, Metalurgia e Civil - 1958): empreiteiro, encarregado da construção de viadutos (república Pif-Paf); Leonino di Ramos Caiado (Engenheiro de Minas, Metalurgia e Civil - 1959): empreiteiro, que construiu as casas dos ministros, península sul (república Arca de Noé); Artur Werneck de Almeida Filho (Engenheiro de Minas, Metalurgia e Civil - 1946): construção de acampamentos de obra; Jayme Cohen (Engenheiro de Minas, Metalurgia e Civil - 1960): construção de residências e lojas (República Vaticano); **Oton Nascimento** (Engenheiro de Minas, Metalurgia e Civil

- 1945): construiu edifícios de apartamentos; Clay Mendes: obras civis;

Desta forma, podemos precisar que estes postos tiveram praticamente a metade de seus quadros pessoas **mais experientes** e de um outro lado pessoas **mais novas**, que deram um equilíbrio interessante. De acordo com alguns depoentes e alguns jornais de Brasília, os engenheiros da Escola de Minas foram decisivos na criação de Brasília²¹. Não pudemos ainda precisar em relação aos demais engenheiros envolvidos na obra, que mesmo em postos distantes destes principais, devem ter sido preenchido por engenheiros mais jovens, pois uma carreira inicial na construção de Brasília deve ter sido um bom começo e uma pretensão a estes.

²¹ Principalmente a coluna de Ari Cunha no Correio Brasiliense.

Enfim, Brasília fazia parte deste otimismo, desta mobilização do grupo de JK:

Brasília foi o símbolo máximo desse “limiar de uma nova era”; sua construção querendo marcar, a um só tempo, o rompimento com o passado de atraso e o compromisso com um futuro de realizações. Para Octávio Costa, “quem sepultou de fato Vargas foi um JK. E sepultou com um golpe mágico, esplendoroso, que é a fundação de Brasília, um golpe psicológico de mestre, porque até a transferência da capital, Vargas mesmo morto, comandava o país (COSTA, 1994 B:81). FICO, 1997, P. 76-77).

Analisar estes anos JK, primeiramente é analisar que seu governo soube “trabalhar” as forças da Nação. Em segundo lugar, que não se fazia

desenvolvimento sem mobilização popular (Viana, 1991, p. 253). Em terceiro lugar, que o otimismo deste período demonstrava que realmente “o Brasil não tinha confiança em si mesmo (Gasparian, 1991, p. 130). Tais constatações podem ser demonstradas da seguinte forma:

.a vontade de superar o subdesenvolvimento consolidou-se, como projeto, já durante o governo de Juscelino Kubitschek, época em que “toma força a utopia nacionalista que dá por findo o ciclo do atraso. Industrialização, urbanização e tecnologia são as palavras de ordem do momento (...) Quase todos os grupos sociais são tomados pelo espírito ufanista da época (VELOSO apud FICO, 1997, p. 76).

Voltando um pouco ao início de Brasília, as imagens da história não

deixam dúvida quanto ao significado dos atos tomados ainda no seu início. Segundo Fico, a história da aparição do poder está repleta de atos pretensamente fundadores, exemplificando a Primeira Missa de Brasília, em 03 de maio de 1957:

Antevendo o impacto que a nova capital teria, Juscelino Kubitschek pôs-se no lugar do Capitão-mor Pedro Álvares Cabral e, simbolicamente, redescobriu o Brasil, mandando repetir o ofício que Frei Henrique de Coimbra celebrara 457 anos no ilhéu da Coroa Vermelha. Para a ocasião, ao invés de caravelas, 11 aviões comerciais e dezenas de tecotecos levaram os convidados. Grotesco, impressionante, mera propaganda: como entender episódio tão peculiar? Na verdade, Jk precisava apenas do congelamento daquele ato em imagem. Presidente dos mais ciosos da memória de sua gestão, provavelmente sabia que

um dia historiadores necessitariam de uma fonte como essa (...) Marco de um novo tempo, novamente amparado em sinais fortes – como a cruz e a bandeira –, este é um daqueles episódios-símbolo que, se muito interpretados, são empobrecidos (FICO, 1997, P. 55).

Além da primeira missa, a própria inauguração foi um fato para marcar. O sino de Padre Faria, de Ouro Preto, levado à Praça exclusivo para a solenidade, repicava simbolicamente invocando Tiradentes e a figura dos que também pretendiam que ali se instalasse um novo período para o país. Brasília foi um dos principais pontos da política de JK. Disto o que podemos deduzir? Bomeny pensa que:

Os simbólicos “50 ano em 5” tiveram uma cidade como materialização histórica: Brasília, a capital inaugurada

em 21 de abril de 1960. simboliza esta cidade o tom que o presidente da República imprimiria ao país – dinamismo, coragem, tenacidade, pioneirismo desbravador e audácia, fruto da vontade política associada ao espírito de aventura (BOMENY, 1991, P. 145).

Desta forma, Brasília e Ouro Preto tiveram relações, tanto na inspiração como na materialização do sonho pelo trabalho inspirado pelos profissionais formados na Escola de Minas.

Conclusão

O trabalho chega ao seu final na expectativa de ter respondido às questões propostas: Por que construir Brasília? Quem possibilitou esta construção? O que

Israel Pinheiro inaugurou no serviço público e na política? Qual o papel da Escola de Minas e de seus alunos no ideário de JK? Se respondemos bem a maioria destas questões, com toda certeza nossa missão está cumprida.

BIBLIOGRAFIA

BANDEIRA, Manuel. *Guia de Ouro Preto*. Ilust. De Luís Jardim. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1967.

CARVALHO, José Murilo de. *A Escola de Minas de Ouro Preto: o peso da glória*. São Paulo: Editora Nacional; Rio de Janeiro: Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP), 1978.

ESTANQUE, Elísio. “As Repúblicas de Coimbra, entre o passado e o presente”. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2005. Não paginado. Disponível em: <<http://www.ces.fe.uc.pt/opiniao/ee/001.php>>. Acesso em: out. 2008.

GUEDES, Dimas Dario. “A Universidade Federal de Ouro Preto e o Programa de Preservação, Restauração e

Revitalização Cultural da Cidade de Ouro Preto”. In: Revista da Escola de Minas, número especial, outubro de 1980, p. 7-12.

MACHADO, Otávio Luiz. “A festa continua”. In: *O Tempo*, Belo Horizonte, 10 de outubro de 1999.

_____. “As repúblicas de Ouro Preto”. In: *O Tempo*, Belo Horizonte, 17 de março de 2000.

_____. (Org.). *Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: trajetórias e importância*. Recife: Centro de Tecnologia e Geociências, Coordenação de Extensão, Universidade Federal de Pernambuco, 2007. CD-ROM.

_____. “Casas de Estudantes e Educação Superior no Brasil: Aspectos Sociais e Históricos”. In: Otávio Luiz Machado

e Michel Zaidan (orgs.), *Movimento Estudantil brasileiro e a educação superior*, Recife, Editora Universitária UFPE, 2007a, p. 191-208.

_____. 'Movimento estudantil na antiga Escola de Minas de Ouro Preto da UFOP entre 1964 e 1960'. In: Otávio Luiz Machado, Michel Zaidan e Luís Antônio Groppo (orgs). *Juventude e Movimento Estudantil: Ontem e Hoje*. Recife: Editora UFPE, 2008, p. 239-256.

_____. PINTO, Luiz Carlos; ANTUNES, Maurício Antunes. "Análise do discurso do novo movimento estudantil". In: Otávio Luiz Machado e Michel Zaidan (orgs.), *Movimento Estudantil brasileiro e a educação superior*, Recife, Editora Universitária UFPE, 2007, p. 175-190.

_____. *Repúblicas de Ouro Preto e Mariana: Percursos e Perspectivas*. Recife: Livro Rápido, 2009.

MENEZES, Ivo Porto de. Depoimento concedido ao Pesquisador Otávio Luiz Machado. Coletado em Belo Horizonte no dia 30 de dezembro de 2002.

MENICONI, Rodrigo Otávio. *A construção de uma cidade-monumento: o caso de Ouro Preto*. Belo Horizonte, fevereiro de 2000. (Dissertação de Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Escola de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Minas Gerais).

OSWALDO, Angelo. “Reproclamação das ‘Repúblicas’”. Ouro Preto, setembro de 2002. **Mimeo**. (texto exclusivo para o site:

www.republicasdeouropreto.hpg.com.br)

QUEIROZ, Rachel de. OURO PRETO. *In: O Cruzeiro*, 01/05/1948, p. 90.

RACHE, Pedro. *Homens de Ouro Preto (Memórias de um estudante)*. Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho Editor, 1954.

RACIOPPI, Vicente de Andrade. *Estudantes do Rio Grande do Sul em Ouro Preto. Memória Histórica apresentada ao 3º Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia Comemorativo do Bi-Centenário de Porto Alegre*. Belo Horizonte: Typ. Castro, 1940.

SOARES, Jô. *O homem que matou Getúlio Vargas: biografia de um anarquista*. São Paulo, Cia. das Letras, 1998.

THIOLLENT, Michel. "Maio de 1968 em Paris: testemunho de um estudante". *In: Tempo Social*, São Paulo, 10 (2): 63-100, outubro de 1998.

**SEGUNDA PARTE:
MEMÓRIAS
ESTUDANTIS:
ALGUMAS FALAS
FUNDAMENTAIS
SOBRE AS
REPÚBLICAS DE
OURO PRETO**

A IDÉIA DE ESTUDAR EM OURO PRETO: MEMÓRIAS DE UM ESTUDANTE NO FINAL DO SÉCULO XIX

Pedro Rache (Ex-Aluno da República do Pilar)²²

Conservo vivas recordações esparsas dos venturosos dias da juventude.

São recordações suaves, agradáveis, doces e encantadoras, em ligação com incidentes acadêmicos dos quais ocasionalmente participei.

É trabalho de memória, mero trabalho de memória, confeccionado com

²² Reproduzido do livro do autor: Homens de Ouro Preto (Memórias de um Estudante). Rio de Janeiro: A. Coelho Branco Filho Editor, 1954.

a seqüência de episódios dos tempos acadêmicos, envolvendo naturalmente o contato de lentes e alunos em situações singulares, em que se chocam de um lado a sabedoria, a seriedade e o desvelo dos professôres, empenhados na nobilíssima tarefa de preparar a mocidade, e de outro, o ardid do estudante traquinas que procura conseguir aprovação, com o emprêgo do menor esforço. Resulta daí naturalmente o conflito de interêsses, gerando atitudes de ambos os lados, que permitem tirar ilações sôbre as personagens. Sua exatidão fica dependendo da fidelidade do relato.

Alguns esclarecimentos preliminares, que estabeleçam a origem das causas determinantes daqueles meus contatos com os professôres de Ouro Preto, tornam-se absolutamente necessários. O primeiro dêles é a explicação dos motivos que me

conduziram a Ouro Preto, cidade longínqua, no interior do país, quando havia no Rio de Janeiro uma escola oficial de belas tradições.

Vou elucidar êsse ponto convenientemente.

No último ano de preparatórios travei relações de amizade com outro estudante de igual nível de adiantamento e também resolvido a seguir a carreira de engenharia. Apesar de ser êle mais avançado em idade, uns 5 ou 6 anos mais velho, ligou-nos grande afinidade de idéias, além da admiração empolgante que me dominava pela grande inteligência e cavalheirismo dêsse insinuante colega. Chamava-se Francisco Rodolfo Simch.

Em troca de impressões revelou-me êle que estava inclinado a matricular-se na Escola de Engenharia de Ouro Preto,

localidade essa onde não grassava a devastadora febre amarela.

Esta febre era o terror dos estudantes riograndenses. Havia razões para isso. Ela os procurava de preferência. Todos os dias era eu surpreendido com a notícia da morte de algum colega ou conterrâneo, que dias antes, ao embarcar para o Rio, havia visto cheio de saúde e contente, alimentando os mais belos sonhos do futuro, sem pressentir que dias depois, logo de chegada à Capital Federal, o terrível flagelo o aniquilaria para sempre.

Impressionou-me extraordinariamente o caso do Telêmaco Salles, estudante dos mais brilhantes e futurosos, colhido em poucas horas pela parca cruel e inexorável.

As palavras de Smich fizeram-me grande impressão e resolvi acompanhá-lo. Pouco sabia sobre Ouro Preto e ainda menos sobre a Escola, a não ser o seu

caráter de estabelecimento federal. Em verdade, mesmo de Minas Gerais pouco conhecia.

Falei a meu pai sôbre o caso e comuniquei-lhe meu desejo de estudar em Ouro Preto. Êle ficou um tanto surpreendido, não conhecia nada de Minas Gerais e achava ser aventura arriscada um menino de pouco mais de 14 anos, aventurar-se assim, sem o menor amparo provável, sem contar com amigo ou parente que o assistisse na terra longínqua. Era quase audácia viajar sòzinho para essa terra, a milhares de léguas, com a deliberação de lá residir, sem ter sôbre ela quaisquer notícias animadoras.

Resolveu, portanto, prudentemente, fazer indagações, procurar pessoas de origem mineira, ou que conhecessem o Estado, a fim de colher as informações

necessárias. Assim adiamos para mais tarde a resolução definitiva.

Tempos depois meu pai, já confortado pela segurança que inspirava a companhia de Smich, considerou com razão ser esta precioso amparo para mim. Ficou bem impressionado pelo feitio morigerado e prudente dêste meu camarada e, ainda mais, pelas suas qualidades espontâneas de atração e viva simpatia. Usou entretanto de artifício para dar a sua anuência e tranqüilizar a consciência de pai extremoso.

Foi assim que êle deu solução ao caso, justificando-a.

- "Não consegui encontrar nenhuma pessoa de Minas, ou que conhecesse o Estado, mas por isso mesmo conclui que a terra deve ser boa. Evidentemente, se ninguém emigra de lá, é porque tudo corre às mil maravilhosas, e a vida oferece confôrto e segurança".

A viagem foi resolvida.

Durante os exames de matemática na Instrução Pública, tinha contraído amistosas relações com outro estudante de grande destaque pelo preparo e inteligência, e que se destinava também ao curso de engenharia – Gastão Gomes.

Tendo êle anteriormente, durante alguns anos, interrompido os estudos por motivo de moléstia, havia recommençado ao tempo de nossa aproximação. Apesar da diferença de idade, êle tinha 5 a 6 anos mais, grande amizade aproximou-nos. Gastão resolveu também seguir para Ouro Preto. Estava formada a caravana expedicionária, em busca da engenharia nas plagas de Minas Gerais.

Smich partiu logo depois, em março ou abril, e nós, Gastão e eu, em junho, com tempo para sujeitar-nos em seguida ao exame de admissão.

É preciso esclarecer que Smich tinha conseguido o programa das matérias exigidas nesse exame e por êle nos orientávamos.

Eis-nos afinal em marcha para a longínqua terra, completamente desconhecida para ambos.

Passagem rápida pelo Rio de Janeiro e pouco depois partida de trem para Ouro Preto. Só então soubemos que a Central do Brasil já atingira a velha Capital de Minas, o que foi agradável surprêsa.

Não tínhamos a mínima idéia sôbre o que iríamos encontrar. Ou melhor, pensávamos que o lugar fôsse detestável, longe de ser comparável a qualquer cidade litoriana. Alentáva-nos, porém, a segurança de ser oficial a escola que íamos cursar, e isto nos trazia grandes esperanças.

A chegada a Ouro Preto

Viagem estafante. Não havia ainda noturnos. Animáva-nos um pouco a passagem dos túneis, coisa inteiramente nova para ambos.

Noite fechada quando chegamos a Ouro Preto, depois de sofrer 16 horas num banco sem grande comodidade. Smich aguardava-nos na estação.

A república do Pilar 27, onde moravam os poucos estudantes riograndenses da terra, era o nosso destino provisório. Situava-se mais ou menos a 500 metros da estação da Central, e o caminho de ligação desenvolvia-se em terreno plano de amplo vale, beirando um pequeno córrego.

Smich porém, querendo divertir-se à nossa custa, evitou êsse trajeto de fácil acesso, conduzindo-nos por uma

respeitável ladeira, recentemente franqueada ao trânsito público. Chamava-se Caminho Novo, justamente pela sua condição de obra nova, não tendo ainda recebido batismo com outro nome, que lembrasse data histórica ou qualquer grande personagem da Pátria.

Aliás, havia na Municipalidade Oupretana pouca preocupação com esse detalhe. As ruas conservavam os nomes lembrando circunstâncias locais: rua da Escadinha, rua Direita, rua das Lajes e assim por diante, sendo certo que tentativas se tinham feito no sentido de substituí-los, sem resultado, porém.

O povo continuava sempre chamando-as pelos nomes tradicionais.

O Caminho Novo, que talvez continuasse a vida inteira chamando-se Caminho Novo, era na verdade uma estrada limitada por altos taludes de

cortes feitos em rochas antigas, já em adiantada decomposição.

Smich sempre tinha revelado grande pendor pela História Natural, e seus conhecimentos desta matéria eram bem mais fortes do que os nossos.

Êle também tinha consciência da sua superioridade.

Ao passar pelo Caminho Novo, tendo à vista a nebulosa e imperfeita imagem da opressiva parede dos cortes, áquelas horas da noite, exaustos pela longa viagem e arquejantes pelo pouco hábito de vencer montanhas, Smich impiedoso fez-nos grande preleção sôbre a natureza dos terrenos, ostentando a sabedoria tranqüila dos mestres.

Classificou as rochas com minúcias, idades das camadas, empregando têrmos técnicos difíceis, completamente desconhecidos para nós.

Smich completou o nosso aniquilamento.

Grande preocupação de espírito, viagem fastidiosa e incômoda, surpresa de chegada, sofrimento impôsto pela subida muito íngreme da ladeira e a nossa insignificância ante a grandeza científica do Smich, tudo isso deixou-nos arrazados!

Jurássico, cambrianos, sirurianos, etc., choviam do palavreado do Smich a cada passo na escalada heróica. Que confusão diabólica para os pobres bichos desarvorados!

Não me contive. Apavorado pelas circunstâncias, indaguei de Smich, se no exame de admissão eram exigidos tais conhecimentos.

Cruel, inebriado com a minha visível derrota, Smich afirmou que aquilo não era nada. A coisa era ainda muito pior, muito além do que ambos havíamos suposto!

Já neste atribulado trajeto para casa, Gastão segredou-me resoluto que não ficaria ali, e eu, incapaz de qualquer idéia aproveitável, estava sem saber o que faria.

Só muito depois reconhecemos que essa história das rochas e terrenos classificados por Smich, havia sido simples perfídia inocente, espécie de trote, do feitio dos usados em Ouro Preto.

Êle se divertiu à custa do nosso terror e ignorância, conservando a dêle resguardada com aquela prosápia ostensiva, mas sem qualquer fundamento de realidade.

Vencida a ladeira, enveredamos por escura e esconça viela, cercada de muros velhos, enegrecidos pelo efeito do tempo, para logo depois descer por certa rua inclinadíssima e quase em caracol, na base da qual se achava a república riograndense do Pilar 27.

Era a tradicional rua do Pilar tão conhecida na velha Capital.

A Campanha do Dr. Campos da Paz

Noite memorável, essa da chegada a Ouro Preto! As surpresas continuavam!

Havia qualquer coisa estranha na casa dos estudantes patricios. Aparência de aspecto guerreiro! Reconhecia-se que a atmosfera era belicosa pelas disposições tomadas. Qual seria a causa?

A república parecia uma grande fortaleza preparada para a luta. A porta da rua estava fechada e impedida por poderosa barricada construída em seguimento à entrada. O acesso dava-se pelo 2º pavimento, por meio de cordas e suportes, exigindo verdadeiras proezas de acrobacia.

O 1º pavimento era ocupado pelos rapazes que possuíam fuzis Mauser e

cartuchame, trazidos da revolução da esquadra, pois os seus donos tinham participado de batalhões patrióticos, e conservavam em seu poder essas armas como recordação das agruras da guerra. Eram somente 4 ou 5.

Os do 2º pavimento estavam armados de pistolas, revólveres e armas brancas, e os do 3º tinham a sua disposição boiões de ácido sulfúrico trazidos da Escola de Farmácia. Além disso dispunham de grande quantidade de paralelepípedos de granito, retirados do calçamento do prédio. Uma verdadeira praça de guerra!

Contaram-nos que dias antes, quando se realizava a manifestação de desagravo ao Dr. Campos da Paz, em terrível conflito na Praça Tiradentes havia morrido um membro da classe comercial.

O Dr. Campos da Paz, representante da Higiene Pública, estava realizando saneadora campanha contra os vendedores de vinhos falsificados. Penetrava nos armazéns, examinava o material das garrafas e barris e, se adulterados, quebrava-os ou espatifava-os, jogando o líquido nas sarjetas.

Uma grande grita resultou daí. O comércio arvorotou-se, protestos enérgicos, insultos, desaforos. O Dr. Campos da Paz era atacado de todos os lados. Situação difícil.

Foi quando os estudantes em represália resolveram fazer a tal manifestação de desagravo. Os ânimos exaltaram-se, e falou-se mesmo que o comércio resolvera dissolver a ruidosa passeata por meios violentos.

Quando o cortejo se desenvolvia pela Praça Tiradentes, foi atacado inopinadamente por imensa massa de

capangas assalariados e por caixeiros das casas comerciais, prèviamente preparados para o assalto.

A manifestação diluiu-se, mas os membros da colônia riogradense com alguns outros amigos mineiros, que estavam preparados para essa eventualidade, formaram quadrado em tôrno da estátua de Tiradentes e reagiram a tiros de pistola e revólver.

Tiradentes, impassível no seu pôsto de honra assistiu à refrega. Como não teria êle estranhado aquêles ímpetos bravios, assim desperdiçados em incidente tão insignificante, se comparado com a grandeza do acontecimento que o levava à fôrca, e que contou sòmente com assistência silenciosa do público!

A polícia militar também compareceu de espada desembainhada, distribuindo pranchadas a tôrto e a direito.

Durou minutos o tumulto, e como resultado lá estava entre inúmeros feridos um morto, pertencente ao comércio local.

No dia seguinte e nos subseqüentes enorme era a tensão, e esperava-se novo ataque do comércio, desta vez diretamente à república riograndense, a cujos membros atribuía a morte do correligionário e companheiro.

Daí o estado de alarme que encontrei, quando da chegada, naquela noite tão cheia de surpresas e desânimos.

Lembro-me que entre os ocupantes da fortaleza se achavam Chico Flores da Cunha, José Virgínio Martins, Francisco Piratinino de Almeida, Antônio Viana, Chico Farias, Eugênio de Moraes e muitos outros cujos nomes me escapam.

Alguns dêles tinham recebido ferimentos na refrega. Flores tinha sido mimoseado com terrível cacetada na espinha que o desancara, e Eugênio de

Morais e muitos outros cujos nomes me escapam.

Imagine-se agora o meu espanto, ao presenciar êste cenário de aparência guerreira!

Foi uma noite povoada de visões alucinantes esta do meu primeiro sono em terras de Minas Gerais!

Passeio Reconfortante

No dia seguinte, logo pela manhã convidaram os dois hóspedes para ligeiro passeio na cidade.

Caras amarrotadas, profundamente desgostosos pela precariedade da situação, lá fomos nós, Gastão e eu, em busca de novas surpresas.

Em pouco estávamos na rua São José, a principal da cidade, depois de escalar respeitável ladeira, que nos deixou com os pulmões bufando e o coração em saltos!

Que magnífico espetáculo!

Cafés! Explêndidos Cafés! Lojas de fazendas, armazéns de especialidades, gente de bom aspecto passando pelas ruas!

Ficamos bestializados ante tão inesperado espetáculo!

Então isto não era tão atrasado, como suponhamos!

Estávamos completamente enganados nas nossas suposições!

Mas o meu espanto excedeu todos os limites, quando o nosso cicerone pediu ao empregado do café uma garrafa de cerveja Marca Pá, que lhe foi imediatamente servida.

Estava verdadeiramente maravilhado! Uma cidade onde se bebia comumente cerveja de fabricação alemã! Como poderia esperar uma coisa dessas?!

Comecei a animar-me e senti certa confortante situação invasão de bem-estar

e confiança progressiva, retemperando o moral abatido. Não estava no fim do mundo, como me parecia antes e ao contrário, a cidade tinha atrativos reais.

Parecia-me agora inexplicável a dificuldade que se encontrara no Rio Grande, quando pretenderamos informações sôbre a localidade onde se achava a Escola de Minas.

Ouro Preto era na realidade uma grande cidade, capital de importante Estado do Brasil, habitada por gente de esmerada educação, famílias da mais alta extirpe, ruas principais animadas de grande movimento, cafés, restaurantes, bares, hotéis, livrarias, lojas de fazenda e armazéns de especialidade, enfim cidade igual às melhores, edificada sôbre ásperas serras e apertados vales intermediários, que obrigavam a ruas muito inclinadas, algumas com escadas laterais. Calçamento de paralelepípedo de granito de primeira

qualidade, e em muitos pontos, para proteção das ruas, enormes muros de arrimo e paredões, construídos com certa elegância e segurança. Êsses muros de arrimo constituíam e constituem notáveis obras de arte, sustentando enormes massas de rochas decompostas, apresentando pela estratificação inclinada, grande facilidade de deslocamento. Em grande número êsses enormes paredões. Ainda o são.

Entre eles o mais notável era o que sustentava o maciço, onde se edificou a Escola de Farmácia.

Camilo de Brito

Pouco depois da Proclamação da República, cogitou-se da mudança da Capital, atendendo às dificuldades naturais que impediam o desenvolvimento de Ouro Preto.

Uma Constituinte especial foi convocada para tratar do problema. Reuniu-se em Barbacena.

A luta entre o povo de Ouro Preto, que se sentia prejudicado com a iniciativa, e os partidários da mudança foi rude e intensa.

Ouro Preto fêz-se representar na Constituinte por alguns dos mais graduados de seus filhos que lançaram mão de todos os recursos, em defesa do velho baluarte das liberdades públicas.

Mas afinal foram vencidos pela maioria, e a transferência para Belo Horizonte foi definitivamente assentada e decretada. Isto não impediu que o povo de Ouro Preto ficasse imensamente agradecido a seus defensores e lhes preparasse estrondosa recepção, por ocasião de seu regresso da campanha perdida.

O entusiasmo era indescritível!
Verdadeiro desabafo de protesto!

O povo vibrou e o imenso cortejo de manifestantes deslocou-se da estação para o centro da cidade, entre estrondosas aclamações aos heróis, detendo-se em pontos pre-determinados para ser ouvida a palavra dos constituintes festejados. Rocha Lagôa, Costa Sena, Camilo de Brito e alguns outros de cujos nomes não me recordo, eram os grandes heróis do dia. Deviam agradecer aquela estrondosa vibração da massa popular, reconhecida pela brilhante defesa de seus direitos. Era do programa.

A VIDA EM OURO PRETO NOS ANOS 1940*

Haroldo Zeferino da Silva (Ex-Aluno da República
Quitandinha)²³

Introdução

Chegamos a Ouro Preto no dia 12 de dezembro de 1944, para iniciarmos o curso anexo para o exame de admissão à Escola de Minas.

De longa data já tínhamos notícias da qualidade do ensino de Engenharia em Ouro Preto, mas o curso de Filosofia que havíamos concluído no Colégio Marconi revelara-nos que a antiga capital era um núcleo de cultura do Brasil , e o notável Prof. Arthur Versiani Velloso foi enfático

²³ Retirado e editado do livro de comemoração dos engenheiros graduados pela EMOP em 1951, em 2001.

nesta notícia, após avaliar a cultura do País.

O exame de admissão, realizado na segunda metade de fevereiro de 1945, teve setenta e cinco inscritos para as quarenta vagas do curso geral, tendo sido aprovados somente vinte e cinco.

Fomos diplomados em 16 de dezembro de 1950.

Deixamos Ouro Preto em 20 de dezembro de 1950.

A cidade de Ouro Preto

A antiga capital de Minas Gerais nada possuía do outrora centro administrativo do Estado. O esvaziamento da antiga capital foi total, sem deixar vestígios. Encontramos nela um modesto serviço de energia da usina do Tombadouro ; o ramal BHte-Ponte Nova , da Estrada de Ferro Central do

Brasil; um serviço telefônico automático , pioneiro na América Latina; um precário serviço interurbano da CTBrasileira ; e uma péssima ligação rodoviária com Belo Horizonte. Não havia campo de futebol compatível , jornal, rádio , nem campo de aviação . sabíamos da existência do Colégio Caraça com mil alunos , logo atrás da serra de Ouro Preto , mas inacessível. Não havia rodoviária, nem linha de ônibus regulares. O tempo de viagem de carro Ouro Preto/Belo Horizonte era de cinco horas, superando em meia hora a viagem por trem! A atividade econômica era razoável , baseada na fábrica de tecidos da Ouropretana Industrial , e no grande investimento da Eletroquímica na metalurgia do alumínio , em Saramenha, na fabricação de ácido sulfúrico usando a pirita do Tombadouro , e fornos de ferro-ligas. Os recursos florestais eram

vantajosos e sustentavam com facilidade a indústria de ferro gusa espalhada no Quadrilátero Ferrífero , usando a canga ferrífera como minério.

Enfim, Ouro Preto não era uma cidade isolada, mas de acesso difícil, possuindo expressivos passados econômico e histórico, sendo este de magna importância na história brasileira. Possuía vida própria, porque tinha recursos suficientes para sustentar uma economia de certa expressão, simbolizada pela oferta de energia hidráulica, carvão vegetal abundante , mão-de-obra de qualidade pelo fato de ter sido centro de governo e por isto possuir boa estrutura administrativa , realçando a escolar básica e ginásial , bem como recursos minerais acessíveis e de fácil transformação , e principalmente domínio de tecnologia mineral e metalúrgica propiciada pela Escola de Minas.

Não havia turismo e nem se pensava nisto. O Governo de Minas havia acabado de construir o Grande Hotel, projeto de Oscar Niemeyer e só.

A cidade abrigava a Escola de Farmácia, fundada em 1839, a primeira da América Latina, sendo estadual.

ESTUDAR EM OURO PRETO: UMA DECISÃO QUE ME VALEU PARA TODA A VIDA

Nilo Gomes de Mattos (ex-Aluno da República Sparta)²⁴

Era o ano de 1945. Eu concluíra a 3ª série do 2º grau de hoje, então chamado Curso Científico, no Ateneu de Aracaju. A Reforma do Ministro Capanema me surpreendera no antigo 5º ano que, à época, era terminal. Os que seriam concluintes em 1942, fomos todos obrigados a cursar mais dois anos.

Vencida aquela etapa dos estudos, tinha que escolher a profissão. A Engenharia era a que mais me agradava.

²⁴ Retirado e editado do livro de comemoração dos engenheiros graduados pela EMOP em 1951, em 2001.

Minhas melhores notas foram sempre nas ciências exatas.

Mas onde iniciar a vida acadêmica? A que faculdade me candidatar? Qual a melhor delas? Os jovens de então , não éramos muito informados. Os de hoje pensam que são ...

Foi ali, naquele momento, que me valeram , como sempre aconteceu, o conhecimento e a experiência paterna: a Escola de Minas e Metalurgia de Ouro Preto era o ideal para um jovem de posses limitadas e desejoso de bem se armar para enfrentar o mercado de trabalho.

Assim cheguei à instituição que o sábio Henri Gorceix fundou. E foi assim que me vi no coração mesmo na nacionalidade. E foi assim que me tornei um soldado desse batalhão dos que crêem no futuro do Brasil , pois conhecem a grandeza de seu território e o valor de sua gente.

Ah! Vila Rica do Aleijadinho! Ah! Vila Rica de Marília e de Dirceu! Ah! Vila Rica de Tiradentes! Ah Vila Rica dos Santos Chicos, o de Cima e o de Baixo!

Ah! Vila Rica que se perpetua em Ouro Preto de hoje, cidade-símbolo , cidade patrimônio-universal , com suas ruas e seus sobrados, seus templos e seus santos, suas escolas e seu povo! Ouro Preto com sua Universidade, foco permanente da ciência e cultura!

Foram seis anos de estudo, seis anos de um labutar diuturno, haurindo conhecimentos de mestres que sintetizavam o que de melhor havia em suas especialidades.

Só os que viveram e conviveram conosco saberão dizer o que representa para cada um de nós, componentes da turma de 1950, aquele período. Compreensão, companheirismo, solidariedade, união ... Desde aquela

época até hoje. E já se passaram cinquenta anos....

Diplomado, saí da Escola com uma formação que me enche de orgulho e me faz reconhecido para sempre àqueles que me concorreram para ela.

Minha eterna gratidão ao corpo discente, docente e administrativo da Escola de Minas e Metalurgia. Gratidão que se estende à família ouropretana!

A REPÚBLICA PUREZA ME ENSINOU A VIVER UM GRUPO E ME ABRIU O MUNDO DA POLÍTICA

Cesar Maia (Ex-Morador da República Pureza)²⁵

Meus pais tratavam com muita seriedade a questão dos estudos. Minha mãe trabalhava no Ministério da Educação e meu pai era engenheiro e professor da Escola Nacional de Engenharia, hoje Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, e servidor público do DASP, sendo aprovado no primeiro concurso em 1937. Ele foi também diretor da Casa da Moeda de 1946 a 1960 e depois

²⁵ Depoimento concedido ao Pesquisador Otávio Luiz Machado.

diretor do grupo de Trabalho de Brasília, que mudou administrativamente a Capital Federal.

Fui estudar engenharia em Ouro Preto por orientação de meu pai. A Escola de Minas era de longe a mais tradicional e a mais importante em matéria de Geologia e de Engenharia de Minas, e segundo meu pai este era o mercado mais promissor para o engenheiro. De fato a Escola de Minas está na origem do sistema universitário brasileiro.

Eu prestei vestibular em Ouro Preto juntamente com três estudantes. Éramos vizinhos no Rio de Janeiro e freqüentávamos juntos o curso Vetor. Eu os convenci a estudar Engenharia de Minas. Eram dois irmãos, Helvécio e Gerson, filhos de um getulista fanático, e um outro amigo descendente de turcos. Chegamos a Ouro Preto e logo fomos procurar uma “república” que aceitasse

jovens que ainda prestariam o vestibular. Todas aceitavam, mas era necessário contribuir com as despesas. Fomos encaminhados para a “república Pureza”. Na época o presidente daquela “república” era Nelson Maculan Filho, que estava prestes a concluir o curso de Engenharia. Nelson era um grande líder dos estudantes de Ouro Preto e muito admirado, e que havia sido preso durante o golpe militar de 1964 como membro do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Seu pai era o Senador Nelson Maculan.

Em Ouro Preto as noites eram regadas à cachaça, que era a bebida dos estudantes. A cerveja era muito cara. As “repúblicas” aglutinavam os estudantes. Nelson era uma figura que nós admirávamos. Ele nos contava diversas histórias e passamos a conhecer um pouco melhor a história política e do papel do movimento estudantil naquele período.

Estávamos no final de 1965 e o vestibular seria no início do ano seguinte. Nelson nos explicou o que era a URSO - União das Repúblicas Socialistas Ouro-pretanas, que congregava os estudantes de esquerda de “repúblicas” a “Pureza”, “Canaan” e “Castelo dos Nobres”. Não me recordo se a “república Reino de Baco” fazia parte da URSO. Já a “Vaticano”, que ficava no andar de cima do prédio onde estava a “Pureza”, era marcada pela contradição, pois tinha pessoas da esquerda e da direita.

A cúpula da URSO estava nas “repúblicas” “Pureza”, “Canaan” e “Castelo dos Nobres”. Os dois grandes líderes eram o Nuri (Andrauss Gassani) e o Nelson Maculan Filho. O Nuri era da “Canaan” e se manteve na liderança por mais tempo, pois se formou um ano depois do Nelson. Os dois se atrasaram nos estudos por causa do golpe militar de

1964. Além destes, quando entrei na “república”, outros dois estudantes compunham a direção, o Sérgio Maculan e Jacques Herskovic, que assim como o Nelson, eram do Partido Comunista local.

Os livros lidos nestas “repúblicas” eram doutrinários. Primeiro na linha de doutrinação do Partido Comunista. A sensibilização começava com a leitura d’*a Mãe*, de Máximo Gorki, e dos *Subterrâneos da Liberdade*, de Jorge Amado. Assim era a introdução do militante do Partido Comunista. Depois vinham os livros de doutrinação, que eram clandestinos naquela época, eram aqueles que tinham sobrado da Editora Vitória. Ficavam escondidos dentro das “repúblicas” ou fora, em sacos plásticos.

No mesmo período, houve uma mudança na direção do Partido Comunista de Ouro Preto, assumindo a liderança Hércio (Pereira) Fortes. Depois

veio a substituir o “Velho” (Joaquim Câmara Ferreira). (Carlos) Marighella morreu. O “Velho” ficou no lugar de Marighella. E ficou substituindo o “Velho” depois do assassinato do “Velho”. Hércio foi assassinado brutalmente na cidade do Rio de Janeiro.

Hércio era uma pessoa suave. O Hércio vinha da Escola Técnica. Ele era secundarista. Era estudioso, dedicado 24 horas por dia. Ele assumiu a Presidência do Partido Comunista Brasileiro de Ouro Preto e a Secretaria Geral. No Partido eram três secretarias: a Secretaria Geral, que era a modelagem do Partido Comunista, a Secretaria de Organização e a Secretaria de Agitação e Propaganda. Me tornei o secretário de Agitação e Propaganda e Jacques (Herskovic) era secretário de Organização.

A orientação do Partido era basicamente fazer a agitação contra a

ditadura. Para tanto, utilizamos dois instrumentos: a pichação e a panfletagem. A pichação era feita com aqueles blocos de piche. Nós produzíamos aqueles blocos e depois deixávamos Ouro Preto em direção ao mato, onde preparávamos uma fogueira para fazer mingau de piche. Depois colocávamos aquele mingau em moldes e confeccionávamos cilindros de piche. O material ficava escondido. Quanto à panfletagem, ela ocorria principalmente nas portas de fábrica. Priorizávamos a Aluminas, da Alcan, e os mineiros de Passagem de Mariana. Na época a luz era muito fraquinha, da CEMIG (Centrais Elétricas de Minas Gerais).

Vale destacar a ocasião em que fiz uma pichação com mais duas pessoas. Era a véspera do dia 21 de abril. Acredito que isso foi em 1967, se não me engano, ou em 1966, pois eu já estava traquejado. Após

uma panfletagem, na hora em que os trabalhadores rumavam para o trabalho, por volta das 5 horas da madrugada, fizemos pichação enquanto voltávamos para Mariana, com objetivo de pegar o ônibus. O resultado foi que no relatório do DOPS (Departamento de Ordem Política e Social) ficou registrado que foram deslocados militantes de Minas Gerais e de outros lugares do Brasil para pichar a cidade na presença do Presidente, do Governador de Minas e de outras autoridades no dia 21 de abril. Mas foram apenas três pessoas. Pichamos a cidade e todo o caminho até Passagem de Mariana. Pichar e panfletar era basicamente a nossa ação.

Eu acumulava também a Tesouraria do Diretório Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto e era responsável pela edição do jornal do Diretório, O Martelo. Foi aí que teve a primeira grande

confusão. Eu vinha para o Rio de Janeiro e rodava o jornal na Gráfica do Jornal do Comércio. Fiz duas edições. Porém foi a segunda que deu o problema mais grave. Foram citações de Mao Tse-Tung, do Livrinho Vermelho, que ainda não tinha sido publicado no Brasil. Por isso todo mundo queria ter aquele jornal (risos). A edição anterior era sobre a Guerra do Vietnã, se eu não me engano.

Fui preso no XXX Congresso da UNE em Ibiúna quando a PM entrou e acabou com a sua realização. Uns correram. Correram para todo lado. E eu fiquei ali sentado, quietinho e parado. Já estava acostumado a ser preso. Aí tiros de metralhadora. Entrei naquela fila enorme que prendeu quase mil estudantes. Levaram a gente para o Carandiru. E aí eu fiquei preso no Carandiru ali alguns dias.

Naquela época ainda não tinha tortura sofisticada. A tortura sofisticada

só entra depois do AI-5 (Ato Institucional Número 5) em dezembro de 1968. Nos depoimentos eu sempre dava uma de idiota. Tanto, que eu fui um dos poucos não “abriu” nada, em nenhuma prisão. Porque eu não me colocava perante o inquisidor. Eu me colocava como um manipulado, um idiota.

Dali, eu fui mandado para o DOPS. Já tinha sido preso no DOPS. E acho que o problema que eu tive de coluna, e permanece até hoje, não só um na cervical, foi em função desta primeira prisão no DOPS.

Quando fui preso no DOPS, entrei e apareceu um homem que tinha uns três metros de altura, um armário, um cara enorme. E disse assim: “Você vai para o calabouço, mas pode ficar tranquilo que aqui tem uma escada rolante”. Mas eu falei: “Pô, escada rolante aqui dentro?”. Ele falou: “É, pode virar de costas, que

você vai ver. Pode andar”. Aí ele me pegou pelas costas, me levantou, pegou o joelho. E aí eu: “UAA !!!” (dei um grande gemido de dor). Aí ele me deu uma porrada e eu já saí rolando aquela escada. Então, fiquei com a marca por toda minha vida e fiquei com este problema aqui (na coluna). Acho que fiquei três meses nesta primeira prisão. E esse caso é um dos que está citado no livro do Sobral Pinto.

Eu fui a primeira pessoa presa com habeas-corpus negado em base na Lei de Segurança Nacional. Sobral Pinto me defendeu. Era o primeiro caso que usava a Lei de Segurança Nacional para se negar habeas-corpus. Depois eu fui mandado para uma viagem, talvez a pior que eu tenha feito na minha vida. Foi uma viagem de Belo Horizonte para Juiz de Fora para ser ouvido pela Auditoria Militar. Fui em um camburão. Fiquei algemado em cima e em baixo. De Belo

Horizonte a Juiz de Fora são umas cinco horas. Hoje, não conseguiria fazer isso, porque com esta cervical aqui, estando ali, agachado, com algema em cima, algema em baixo, na parte detrás do camburão.

Antes da saída de Ouro Preto eu havia repetido duas matérias. É que se fui às aulas uma ou duas vezes por mês, era apenas para registrar presença, para dizer que eu existia, que eu estava ali. Eu já estava profissionalizado em Belo Horizonte, era clandestino. Isso foi no início de 1968. Entre abril e maio, eu já havia me transferido para a Universidade Federal do Rio de Janeiro, mas vivia em Belo Horizonte.

Quando eu rodei o jornal com a citação de Mao-Tse-Tung, acho que foi em 1967, houve um inquérito forte. E o Diretor da Escola, o “Mamão” (Rômulo Soares), um senhor alto, com semblante vermelho era metodista... Eu tenho

coincidências com metodistas na minha vida. Esta publicação rendeu a todo o Diretório Acadêmico um IPM (Inquérito Policial Militar). Fomos salvos pelo Diretor que era metodista, durante a visita do bispo número 1 da Igreja Metodista a Ouro Preto, que era progressista e apoiava os estudantes, que o orientou a não entregar o Diretório Acadêmico. Então ele não entregou o Diretório. Não falou que os estudantes “são anjinhos”, mas disse: “Aqui nunca houve nada e não se sabe nada. Se eles fizeram foi fora da Escola. Então, não posso dizer nada a respeito deles. E nem defendê-los”. Então não conseguiram identificar a origem do jornal. E o Diretório agiu com radicalismo. Coisa de estudante. “Por que você publicou Mao-Tse-Tung?”. “É porque está no mundo todo, e com grande sucesso”. Esta foi nossa resposta. Resposta idiota. Só tinha uma versão em francês. E foi com

esta versãozinha em francês, que pedimos para alguém traduzir, é que publicamos o texto em O Martelo.

Me transferi porque eu não tinha mais como ficar em Ouro Preto. E depois eu já estava em Belo Horizonte profissionalizado. Já estava dentro da CORRENTE. E saindo do movimento estudantil. Não podia ficar em Ouro Preto porque lá eu já estava manjado. Era uma figura manjadíssima na cidade. Eu tinha que sair, mas não demonstrar que vivia em Belo Horizonte, pois precisaria ter uma atividade. Eu necessitava de uma cobertura qualquer. Então: “Eu estou estudando no Rio!”. “Onde está o César Maia?”. “Está estudando no Rio!”. Para todos os efeitos, eu estava estudando no Rio. Se bem que eu nunca precisei disso. Exerci a clandestinidade em Belo Horizonte por pouco tempo. Durante uns

quatro meses, ou cinco. Depois fui para Ibiúna.

A Escola de Minas tinha uma forte tradição. E só veio a perder qualidade em função de reforma do ensino. Na reforma do ensino, registrava-se o número dos alunos inscritos⁶⁶. E os subsídios às escolas eram por número de alunos inscritos. Só que a Escola de Minas de Ouro Preto possuía turmas de doze, treze alunos. Com a reforma, passou a ter duas turmas de quarenta. Isso ocorreu a partir de 1966, quando eu entrei. Ainda peguei a última fase do apogeu da Escola. E a partir daí a minha turma já entrou com quarenta, quarenta e cinco alunos. A Escola de Minas era extraordinária, ótima qualidade. O nível de exigência era brutal. Você inevitavelmente repetiria se não estudasse. Até era possível colar uma coisinha, colar outra coisinha, mas não tinha condição de você passar de ano em

matéria alguma sem muito sacrifício, sem usar bem a “República” para estudar. Fazia-se a farra, mas estudava-se. Era possível, também, identificar claramente a esquerda e a direita. Daí que vem a memória dos dedos-duros de Ouro Preto. E a indicação de quem se devia prender. E prenderam todos que tinham que prender, não ficou nem um sem ser preso. E a direita dedurou todo mundo. Então, a gente tinha um cuidado enorme quanto à segurança, até mesmo em relação às reuniões do Partido. Quando a gente chegava da reunião do Partido não entrava direto. Alguém poderia ver.

A República Vaticano contava com algumas pessoas da direita. Então entrávamos com cuidado, por trás. Deixávamos a janela aberta. Guardávamos o material de leitura direitinho. Não deixávamos nada exposto. Dentro de nossa própria “República”,

para aqueles que não eram simpatizantes, não abríamos o jogo. Não falávamos as coisas que fazíamos. A atividade do estudante era beber e namorar capixabas e mineiras no fim de semana. Aquelas festas que sempre as “Repúblicas” tinham. E esporte para quem gostava. Havia aqueles torneios de futebol de salão, que eram torneios muito disputados entre as “Repúblicas”. Gente que não acabava mais. Nossa “República” disputava com outras. Eu joguei no time da ADEM, que era Associação Desportiva da Escola de Minas, uma equipe que não era profissional, porque não recebíamos para jogar, mas que era profissional no tipo de atividade. O técnico era o Vavá, que tinha sido centroavante do Atlético Mineiro, um baixinho. O técnico era profissionalizado. O time era todo profissionalizado. Mas os jogadores, quando eram da universidade, não

recebiam, como era o meu caso. Eu joguei na ADEM de lateral-esquerdo. E nós viajavamos a diversas cidades para disputar os jogos. Divisão de acesso. Aquilo ali era uma coisa fantástica!

Eu recebi um trote forte. O trote era raspar a cabeça dos calouros todos. E aí começava aquele negócio de jogar talco. O pior era você beber cachaça além do que era possível beber. Eles botavam na sua boca. E aí você ficava um troço louco e acabava no SANDU (que era uma unidade de saúde do município de Ouro Preto). Eles davam aquela injeção de glicose para recuperar do excesso de álcool. Então era um trote violento. Mas no ano seguinte, quando já estávamos no Diretório, mudamos o tipo de trote. Aí o calouro podia escolher: leitura, por exemplo. E éramos exigentes, conferindo depois se de fato a leitura foi feita. Perguntávamos também sobre os livros

que ele tinha lido. E questionávamos: “Leu? Quero ver se leu mesmo”. Era um trote produtivo. Quando a esquerda assumiu o Diretório conosco, ela não usava o Diretório para vexar calouro. Era leitura ou outra coisa qualquer. Ou então brincadeiras nas festas do Centro Acadêmico da Escola de Minas de Ouro Preto (CAEM), nas grandes festas. Aquela brincadeira de se ajoelhar na frente da menina e se declarar. Coisas mais ingênuas.

Conosco o Centro Acadêmico se transformou. O Lincoln Ramos Viana era o Presidente. Eu era o Diretor Financeiro. Acho que o Vice-Presidente era o Pedro Carlos Garcia Costa, o Pedro Mola, que depois foi para o Chile. Lincoln e Pedro eram do Partido Comunista e muito amigos meu. O Lincoln era da República Canaan e o Pedro Mola da República Castelo dos Nobres. De fato éramos muito

amigos. O Pedro Mola se tornou Secretário de Organização do Partido, enquanto o Lincoln participava do Diretório do Partido, e depois se tornou Presidente do Diretório Acadêmico. Eu era o Diretor Financeiro e era responsável pela publicação dos jornais e pela agitação maior. Depois eu fui para o Chile e eles também foram para lá. Mas eles não chegar a ser presos. O Pedro Mola foi detido e o Lincoln também, mas para interrogatório. Eles acabaram não indo para Belo Horizonte, como eu e o Hércio acabamos fazendo. Depois o Hércio cresceu na hierarquia da ALN. Mas a CORRENTE foi dizimada na verdade. Depois da prisão do “Xuxu”, a CORRENTE foi dizimada, mas vários membros acabaram se incorporando a outras organizações. Restaram da CORRENTE a Soninha (Lima), o Ricardo Apgaua e o Hércio. Se não me engano, a

Soninha se casou com o Hércio. E depois, no exílio, casou-se com Ricardo Apgaua. Acabaram indo para a ALN, ficando na hierarquia da ALN.

Debatíamos que nossa função era a luta contra a ditadura, doutrinação e agitação. Evitávamos fazer agitação dentro da Escola. Na Escola era mais doutrinar, passar uma Voz Operária para os simpatizantes já confiáveis e dar material de leitura. E a agitação era fora da porta da Escola. Mesmo porque a Escola era muito rigorosa.

Não me recordo qual a razão, mas tivemos um conflito com a Escola de Minas. Se eu não me engano era um conflito mais amplo, não sei se em relação a regimento ou a regulamento. Casas para repúblicas certamente. E nos acampamos na Escola de Ouro Preto, fazendo um grande sucesso, porque Ouro Preto era muito visitada nos fins de semana. As

peessoas vinham de Belo Horizonte naqueles ônibus de turistas. Pegamos aquelas tendas e armamos na Praça em frente à Escola. Em torno da estátua de Tiradentes, em frente ao muro da Escola, na praça toda. E ficávamos ali: violão, bebedeira...

Acho que não fui eu quem dirigiu este movimento. Meu papel era mais de agitação. Acredito que o movimento foi dirigido por Lincoln e Pedro Mola, que eram os Presidentes, respectivamente, do Diretório e do Centro Acadêmico, e que cuidavam das questões tipicamente estudantis. Todas as questões partidárias, do Partido Comunista, aí já eram mais de minha responsabilidade. E o Pedro Mola e o Lincoln, mesmo sendo do Partido, ficavam mais encarregados das questões estudantis. Apesar de que, quando falei dos três que foram para a Passagem de

Mariana, eram eu, o Pedro Mola e o Lincoln. Nós que fomos lá.

Não me lembro de nada do meu tempo de estudante que tenha nos ocasionado prejuízo em função de deduragem. Porque na hora em que fomos enquadrados, ali em Ouro Preto, foi após três ações de provocação gigantescas: a publicação do jornal (O Martelo), a panfletagem contra a ditadura e a pichação no dia 21 de abril.

Quando se está preso há seis meses, está completamente desconectado de tudo. Então, você já não tem mais memória para traz. E a intensidade de vida de alguém que está em uma ação tipo guerrilha urbana, é brutal. A tensão é grande: “quem chega; barulho; quem vai; quem foi preso; viu o jornal; caiu; o cara te disse, cuidado, sai daí...”. É algo muito estressante. Uma pessoa seis meses longe, acabou, é passado, é remoto.

Havia na Escola duas gerações de professores: a geração da escola tradicional e a geração de uma escola que buscava ser mais aberta, mais flexível. Tinha ex-alunos que eram professores. E que na verdade alguns deles chegaram a conviver com alunos, que conviviam conosco. E tínhamos uma relação direta ou indireta com os ex-alunos, que gerava um ambiente progressivamente mais flexível. O que não existia até 1965. A Escola de Minas era uma espécie de catedral. Você se formar na Escola de Minas e já saía empregado lá em cima. Falava-se da “máfia” dos ex-alunos de Ouro Preto, que controlava a Usiminas, a Vale do Rio Doce, a Petrobrás.

As repúblicas funcionavam como uma espécie de pensão, de organização coletiva. Cada um contribuía. Você tinha o Presidente mensal da “república”, que fazia as compras, que pagava a

cozinheira, que definia qual era o cardápio, o que se colocava ali. E você tinha que ter uma organização muito rigorosa na questão de limpeza, pois precisávamos estudar. Se as “repúblicas” fossem uma bagunça, você não conseguiria passar de ano. Era necessário impor respeito. Todo estudante tinha um tipo de luminária para poder estudar de noite, por exemplo. A luz da “república” não possibilitava o estudo à noite. A CEMIG não tinha entrado. Você aumentava aqueles transformadores. Mas precisávamos estudar muito, pois a escola era muito pesada, muito difícil.

Eu posso falar se as repúblicas foram espaços de politização pelas “repúblicas” que eu convivi mais de perto, mais próximo. Havia “repúblicas” que tinham a tendência de esquerda. Nestes casos, naturalmente, os estudantes que eram calouros eu buscava levar para o Partido

Comunista. E se o estudante era de direita pra valer, ele não conseguia conviver com os demais, e vice-versa, porque, a politização da época gerava uma dificuldade de convivência de contrários. Não havia uma relação pessoal entre um cara de direita e um cara de esquerda.

A convivência era muito pouca. Quem era de esquerda pra valer ou de direita pra valer tinha um convívio pessoal mínimo. A relação no máximo era apenas formal. Até era possível diálogo com quem tinha uma tendência para a direita, mas o cara que era de direita pra valer e o cara que era de esquerda pra valer não conviviam. Olhando para o passado, eu diria que a “República” Pureza me ensinou a viver um grupo. E por isso me deu a condição de dirigir, de ir em frente, e me abriu o mundo da política. O pior é a lembrança da saída, quando tive que sair do ambiente

enriquecedor Ouro Preto num momento de profissionalização política.

O BRASIL E O AVANÇO NA LUTA SOCIAL: QUANDO A JUVENTUDE ENTRA EM CENA E FAZ A DIFERENÇA

Nilmário Miranda²⁶

O movimento estudantil em Minas Gerais começou logo em 65 com a reação contra a ditadura. Existia o MCD (Movimento Contra a Ditadura) e a reorganização de várias organizações tinha como base principalmente estudantes, pois eram os que tinham maior mobilidade. Já em 66 tinham as primeiras passeatas e manifestações de

²⁶ Depoimento concedido ao pesquisador Otávio Luiz Machado.

rua que enfrentava a repressão. Houve a prisão de oito estudantes em um Edifício, quando eles estavam estudando alguns documentos. E houve manifestação contra a prisão deles. Já na reconquista e na reconstrução da UNE, da UEE, DCEs, Das e de outras entidades havia um amplo trabalho na capital e no interior. Minas Gerais desde o início começou a participar desta reconstrução. Depois cresceu em 67. E em 1968 teve o seu auge. Com o AI-5 – como em todo o lugar – os estudantes tiveram que ir para a clandestinidade. Aí começaram as prisões, exílios, mortes e desaparecimentos, como em todo o lugar, que afetou profundamente. Mas logo, em 1967, o movimento estudantil já estava reorganizado em Minas. Teve um famoso Encontro – o III Encontro Nacional dos Estudantes de Medicina – que ficou como marca na retomada do movimento estudantil no Brasil e em Minas.

Não podia haver partidos legais, as eleições eram controladas e havia censura de imprensa. Em suma, havia diversas formas de restrição de liberdade. Então, milhares de estudantes foram também para as organizações políticas clandestinas buscar meios de atuar na política já que não tinha possibilidade de fazer nada por via legal.

A Corrente (Corrente Revolucionária de Minas Gerais) - que era uma dissidência do PCB - e a AP (Aliança Popular), que também era muito forte aqui até 1968. Era praticamente as duas mais fortes. O movimento estudantil aqui era considerado de ponta naquela época. Depois - já na fase de 1977 em diante - os estudantes daqui da UFOP se organizaram rapidamente, participando bastante da Anistia, da retomada do movimento estudantil e dos grandes movimentos como a luta pela democracia

e as Diretas. O movimento estudantil daqui participou ativamente.

O 21 de abril de 1966 ficou na história. Costa e Silva era Ministro da Guerra e veio até Ouro Preto. E foi realizada uma manifestação, onde vários estudantes em muitos ônibus vieram dispostos inclusive a ser presos, conseguiram surpreender e saíram daqui sem serem presos. Aí teve uma assembléia no DCE da Gonçalves Dias em Belo Horizonte com o povo que chegou de Ouro Preto. E dali ocorreu uma arrancada para uma chapa da UEE muito combativa, que é muito vinculada ao 21 de abril de Ouro Preto. Ali também era um lugar de manifestação que fazia o Governo Militar. Sempre fez manifestações de apoio à ditadura utilizando o 21 de abril. Portanto, os estudantes se mobilizavam para protestar no 21 de abril.

Eu estudava naquela época economia. Depois eu saí com o Ato 5 da Universidade, e quando eu voltei após o meu período de prisão fiz jornalismo e ciência política.

Sempre teve (politização) aqui. Por exemplo, os estudantes de Minas já participaram da Revolução de 30, participaram do movimento de 35 na luta pela redemocratização do Estado Novo, na luta pela entrada do Brasil na Guerra contra o Nazismo e o Fascismo, participaram bastante na denúncia da Guerra da Coréia na luta pela paz. E participaram muito d' O Petróleo é Nosso, que em 1954 se lutava pela criação da Petrobrás. O movimento estudantil de Minas sempre foi ligado às causas nacionais. Na década de 60, antes do Governo Militar, as famosas lideranças eram o Herbert José de Souza, o Betinho, o Jair Ferreira de Sá e o Roberto Brant.

Essa turma tinha uma grande projeção nacional. A AP foi quase praticamente fundada em Minas Gerais a partir do movimento estudantil da Juventude Universitária Católica (JUC).

Dos mais famosos, alguns que nós perdemos, como o Hércio Pereira Fortes, que teve uma passagem marcante aqui. E o Antônio Carlos Bicalho Lana. O atual Prefeito do Rio, César Maia, era grande liderança, uma referência. O Jarbas Cerqueira também teve uma certa importância.

O Brasil sempre avançou na luta social quando a juventude e os estudantes entraram intensamente nelas. A juventude dá uma qualidade nova às lutas sociais. O jovem é muito desprendido, muito voluntarioso, muito generoso, porque quer tomar o céu de assalto. Na luta pela Anistia, das Diretas e do impeachment do Collor todas ganharam um colorido novo

com os jovens. Na própria eleição do Lula - em 2002 -, acho que a juventude fez a diferença.

Nossa história está repleta de exemplos. Até antes disso. A Abolição da Escravidão não seria possível sem a participação de jovens.

As elites sempre procuram afastar o povo da história para tirar qualquer resistência do povo. Eles atribuem todas as mudanças históricas às personalidades, à inclinação ou opção política deste ou daquele governante. Na verdade nosso povo sempre lutou. E se hoje nós estamos vivendo este momento privilegiado é graças à luta de quem veio antes de nós. A memória é fundamental para impulsionar a luta presente. E para construir o futuro.

A VIDA EM REPÚBLICA: UM DOS MAIORES LEGADOS QUE EU LEVEI DE OURO PRETO

Álvaro José da Cunha (Matipó) - (Ex-Aluno da
República Aquarius)²⁷

Muitos aqui estão fazendo vinte anos de formado. Também temos os de quinze que também serão homenageados hoje. Mas vinte e cinco anos é uma data ímpar. Temos uma festa aqui na Escola de Minas que convoca todos a comparecer para um

²⁷ Retirado do seu depoimento durante a festa do 12 de Outubro da República Aquarius, 1998. Transcrição feita pelo Pesquisador Otávio Luiz Machado.

pacote completo: uma missa, solenidade na Escola, um baile. E que vale a pena participar disso, porque tive muitas emoções nesses dias. Eu revi pessoas que eu não via nesses vinte e cinco anos. E que todos tenham certeza que essas pessoas fizeram parte da minha vida. E esse tipo de coisa a gente não apaga. Essa convivência que tivemos aqui na República isso faz parte da história da gente. Não tem como negar e muito menos se apagar.

Você pode até tentar esquecer por não ter gostado de alguma coisa, mas isso está eternamente marcado na vida da gente. A vida em república talvez tenha sido um dos maiores legados que eu levei de Ouro Preto. Isso aqui é um aprendizado de democracia, de convivência, de relações humanas. Coisa que você não teve na Escola, a República te ensinou!

A República é um negócio fantástico e estou muito feliz por ter vivido aqui. Por ter sentido esse negócio e por ter vivido por pessoas daquele tempo. E eu tenho certeza que vocês todos que passaram por aqui tiraram proveito dessa convivência. E quem está aqui hoje os meninos que estão começando eu digo que isso vale a pena e vocês vão ter saudades no futuro. Muito obrigado a todos!!!

A REPÚBLICA REBU E A PARTICIPAÇÃO DA MULHER NO MOVIMENTO ESTUDANTIL DO D.A. DA EMOP

Rosangela Buzanelli Torres²⁸

Sou natural de São Paulo e me formei em Engenharia Geológica.

A opção por morar em uma República era por não ter recursos financeiros para pagar um aluguel. A batalha ocorria por meio de visitas para conhecimento mútuo e por votação das moradoras. Fui aceita pela maioria porque foram com a minha cara. Acho que o

²⁸ Depoimento retirado do dossiê das repúblicas estudantis da UFOP em 2008.

sistema de batalha é o mais razoável para pessoas que deverão conviver sob o mesmo teto.

A Rebu era administrada pela moradora denominada Presidente, que num sistema de rodízio mensal, permitia que todas tinham que assumir a Presidência. Fazíamos um caixa mensal , que era administrado pela presidência para despesas com a “comadre”, que nos auxiliava na limpeza e em itens básicos tais como café, material de limpeza, pão, etc. Para arrecadar fazíamos algumas festas (a junina era a tradicional) e hospedávamos turistas que se tornavam amigos e que contribuía com dinheiro que juntávamos para compra de materiais (som, fogão, etc.) e para ajudar nas reformas, pois a Escola de Minas assumia a mão-de-obra na maioria das vezes. No início fornecia até os materiais.

Algumas reformas foram feitas pela Escola de Minas. Lembro de uma específica para dividir o quarto (em dois) do andar de baixo à direita de quem desce a escada. Fizeram ainda uma melhoria no quarto da frente do andar de cima e na cozinha.

Fui a primeira mulher a integrar a diretoria do Diretório Acadêmico da Escola de Minas (DAEM) em 50 anos de existência. Foi em 1981. Fomos eleitos quando o Presidente da chapa era o Danilo, na época morador da República Necrotério.

Foi o período de criação dos cursos de Nutrição e História da UFOP, a construção do Campus do Morro do Cruzeiro e das Repúblicas estudantis no Morro do Cruzeiro, que aconteceu após greve estudantil.

Em 21 de abril de 1981 fomos proibidos de realizar qualquer

manifestação na Praça Tiradentes (pela Polícia Militar), sob pena de repressão para não perturbar a cerimônia de transferência da capital estadual para Ouro Preto.

A repressão ao movimento estudantil foi muito forte até 1983, quando um greve prolongada quebrou a mobilização estudantil. Greve esta induzida por uma greve de fome de um grupo isolado sem consentimento da assembléia estudantil.

Após esta greve, o movimento estudantil se desarticulou, pois perdemos o semestre.

Acho muito bom o sistema de repúblicas. O que pesa contra são abusos que possam ser cometidos eventualmente por algumas repúblicas que acabam comercializando a hospedagem sem retorno ao patrimônio. Mas não acho que podemos generalizar, pois a República

Rebu, além de ter viabilizado minha formação acadêmica, me ajudou na formação pessoal. É uma experiência única de vida.

REPÚBLICAS: ALI ME TORNEI GENTE E APRENDI A VIVER.*

José Fernando Coura (Ex-Aluno da República Aquarius)²⁹

Não consigo falar de minha vida em Ouro Preto, devido à grande variedade de acontecimentos. Só sei que foi aqui que me tornei gente e aprendi a viver.

À Aquarius minha eterna gratidão.
Saudades das curriolas e dos amigos!!!

²⁹ Retirado dos registros da República Aquarius. Em 1976.

**A LUTA PELA
CONQUISTA DO
ALOJAMENTO E A
FUNDAÇÃO DA
REPÚBLICA TIGRADA:
REPÚBLICA COMO
PARTE DA PRIMEIRA
RELAÇÃO DA
UNIVERSIDADE COM A
COMUNIDADE**

Geraldo Baldi - Geba (Ex-Aluno da República Tigrada)³⁰

Meu nome é Geraldo Baldi, mas ficou o apelido “Geba” desde que entrei

³⁰ Depoimento Concedido ao Pesquisador Otávio Luiz Machado.

na UFOP para estudar Engenharia Geológica em 1976.

Na época o sistema de trote era bem rudimentar. Todo mundo tinha que usar uma palheta e uma ferradura pendurada com as cores da Escola de Minas. Tinha o trote no CAEM, também.

O CAEM tinha só uma função social e não política. Aí nessa época eu fazia parte do Cine-Clube que fundamos chamado Viramundo, que pertencia ao Diretório Acadêmico da Escola de Minas, o DAEM.

Nesses primeiros momentos na UFOP havia uma tentativa de construção do Centro de Convergência, que seria um prédio de 10 andares aqui no Morro do Cruzeiro. O Patrimônio embargou e ficou só no 3º andar, que está aí hoje ainda. Era um alojamento que estava vazio. Começou a der invadido pelos bixo grilo e os hippies que a gente falava, estudante, é

claro. Mas, era um pessoal que tinha, era dessa tendência, eles tomavam banho na cachoeira, no pocinho, na geladeira, não tinha energia elétrica. Depois conseguiram energia elétrica e se organizaram melhor ainda. Conseguiram um caminhão pipa prá botar água. Eu descobri aonde estavam as chaves do Alojamento, porque há inclusive documentos, documentos que podem até comprovar, que o Diretório desta época estavam querendo distribuir as chaves prá alunos. Inclusive chegou a distribuir uma meia dúzia, dez, não sei, de chaves, para certos alunos que tinham uma média boa etc. E tem até um documento aqui de que não havia comunicação. Aí, eu descobri onde estavam as chaves. Conteí para o Paraíba. Na realidade, eu levei as chaves para o Paraíba, eu fiz só esta parte, e o Paraíba pegou e distribuiu. Foi meio aleatória esta distribuição, foi dentro do

Remop: 'quem quiser esta chave está aqui', não foi uma coisa organizada. Todos que pegaram a chave subiram para o Alojamento e muita gente não queria morar no Alojamento, porque faltava água, às vezes faltava até luz. Mas foram aí umas 40 pessoas que subiram para o Alojamento e começou a funcionar clandestinamente.

Quando existia o Escritório-Piloto se fazia um trabalho de base. Foi em 1979, quando teve uma chuva contínua de três meses. Os morros e os barrancos cederam, por ser a região composta de filito. Nessa época, os morros já estavam sendo ocupados pela população. Eles tiraram aquela crosta, aquela canga, que era uma crosta dura que tinha em cima dos morros. Eu tenho as fotografias da época. Não tinha tanta casa. Depois o cara ia fazendo a casa dele, a água infiltrava, entrava no meio das camadas de filito e

escorregava todo esse negócio prá baixo. Tivemos três meses de chuva em 79 sem parar. Então, não houve muitas mortes, mas umas duzentas pessoas desabrigadas. Isto levou o Roberto Guidugli, não sei se à época ele já era o Presidente do D.A. ou não, a montar o Escritório-Piloto, que tinha mais um pessoal da Engenharia Civil envolvido. Esse primeiro, o curso de mestres de obras, foi o curso que eles fizeram nesse momento inicial. Eles já aproveitaram o curso, que tinham um monte de mestres de obras, e já fizeram as casas aqui na Bauxita, do lado do Campus. Eram os “flagelados”, a Vila dos Flagelados (...) que foram casas boas feitas com mutirão, mas com um mutirão com engenheiros, mestres de obras e em cima de um curso de uma Escola de Engenharia por trás, que eram coordenados pelos estudantes. O Escritório-Piloto tinha sua proposta

voltada para a população. O Escritório-Piloto pretendia, é claro, dar um incentivo ao estudante na relação com o mestre de obras, pedreiro, carpinteiro e outros cursos. (...) Eu participei do curso de garimpo.

A primeira relação que existiu entre a Universidade e a comunidade foi a república, efetivamente.

O CONTEXTO HISTÓRICO DAS LUTAS ESTUDANTIS DE OURO PRETO NOS ANOS 1970*

Roberto Rafael Guidugli Filho (Ex-Aluno da República
Butantã)³¹

Após colocar na ilegalidade todos os órgãos de representação, ou transformá-los em inofensivos centros de assistência social, o regime militar fecha o cerco em 68.

É no início dos anos 1970 que a ditadura instalada atinge o seu pico em termos de terror. E desta maneira muitos brasileiros - mas muitos mesmos - são

³¹ Partes do discurso de Colação de grau dos engenheirandos da UFOP, 02-09-1980.

banidos, torturados, exilados, presos ou assassinados por divergirem dos novos maquiáveis.

Com assessoria do exterior, órgãos de repressão são aprimorados, e assim o DOPS, o DOI-CODI, a Polícia Federal, entre outros, atingem um nível de eficiência nunca visto neste país.

Vivíamos à margem do processo como todo povo, e o “milagre brasileiro”, que deve muito a censura brasileira, a estrela maior da estupidez implantada, vive momentos de brilho.

A censura que atinge de modo eficiente e espetacular a imprensa, a música, o teatro, a literatura, o cinema, as artes de modo geral, se apossa das pessoas sob suas formas mais malignas, ou seja, a da auto-censura.

Neste horizonte catastrófico, a universidade brasileira, passa por um processo de lavagem cerebral, junto com

todo o sistema educacional brasileiro. Seus expoentes mais combativos são espoliados, seus líderes estudantis, dizimados, e vários de seus professores cassados ou aposentados pelos inúmeros AIs (Atos Institucionais) criados pela ditadura. O que era centro de debate, discussão, de busca de uma universidade no seu sentido lato, é transformado em pólos de triagem ideológica.

Todas as reuniões estudantis são proibidas, tais como seminários, congressos, semanas de estudos ou qualquer forma de aglutinação onde os problemas específicos ou a realidade nacional fosse possível de ser debatida.

Nos deparamos com o policiamento ostensivo que dilaceram a autonomia universitária, já massacrada pelos pacotes que burocratizavam sua administração. Os currículos mínimos cerceavam qualquer opção do aluno.

Este era o panorama e tínhamos que engolir. Afinal tínhamos passado pelo estreito funil do vestibular. A universidade a serviço do estado autoritário ainda era um trampolim para a estabilidade social.

Nossa geração tinha sido despojada de líderes, de seres pensantes. Era vetado pensar.

Mas os exemplos ficaram, e foi o que bastou.

No início é a conversa paralela, depois as reuniões camufladas nas repúblicas, o contágio, as idéias sendo aferidas, debatidas, trabalhadas.

E é nesse crescendo que tomamos a palavra de ordem e a transformamos em realidade.

Foi assim que em meados de 1977, após exaustivas discussões e debates, a Assembléia Geral dos alunos da Escola de Minas determinava a invasão dos

alojamentos do Morro do Cruzeiro, que haviam sido fechados a muito tempo por ordem do MEC para que não houvesse aglomerações de estudantes.

Com essa tomada dos alojamentos, cai por terra na prática essa determinação retrógrada e avançamos conquistando um espaço precioso para o movimento estudantil.

Aos poucos íamos criando e vivendo a democracia em cada um de nós. Iniciamos 1979. E o caos está vivo na Escola de Minas. Greve! A administração da UFOP, de uma incompetência ímpar, é checada em todas as suas atitudes.

Na busca de uma integração comunidade-universidade, então mais uma vez os estudantes deram passos marcantes para que se tornasse realidade este binômio.

É assim que passamos a participar da vida política de Ouro Preto, da sua vida

cultural, e na luta pela preservação do patrimônio histórico, que tem, como um dos seus elementos de deterioração a fumaça poluída das chaminés da ALCAN.

Os trabalhos mais significativos neste sentido, tem sido sem dúvida, as construções de habitações populares com solo-cimento, bem como o trabalho de medicina preventiva com estas mesmas famílias desenvolvidos pelos colegas da Escola de Farmácia.

No dia 21 de abril sofremos a repressão causada pelo maior esquema de segurança já montado para proteger das manifestações populares o general-presidente Figueiredo.

Em plena abertura, as nossas repúblicas foram invadidas pelos primatas da segurança. Nossos colegas presos, algemados, nossa individualidade quebrada, nossos direitos desrespeitados. Excursões que visitavam Ouro Preto

foram presas e submetidas à corredores poloneses. A população de Ouro Preto viveu o terror.

Ficamos sitiados: não se entrava e não se saía de Ouro Preto. Os que aplaudiram Figueiredo no dia 21 de abril foram funcionários públicos federais que tiveram dias de abono para que pudessem cortejar o dono da abertura. O povo não pôde festejar o seu herói. Não pode ir à Praça Tiradentes.

O ponto alto dos abusos de órgãos de repressão foi sem dúvida a farsa montada contra a pessoa do Professor David Maximiliano de Souza. Acusado de manter em sua residência explosivos. Conhecemos o colega e a sua conduta. E todos em Ouro Preto tem a certeza da farsa montada, que visam esvaziar o movimento que os professores mineiros organizavam na época em todo o Estado.

Estaremos lutando para que a justiça seja feita. E que o Professor conquiste sua liberdade.

A VIDA EM UMA REPÚBLICA DE OURO PRETO E O APRENDIZADO NA ARTE DO DIVIDIR E DO COMPARTILHAR*

Rafael Ayres (Ex-Aluno da Aquarius)³²

Eu acho que sou o ex-aluno mais antigo que se encontra aqui hoje. Passar por aqui tem uma importância muito grande na vida de cada um da gente. É um aprendizado muito grande o de dividir e compartilhar. E é uma “porrada”

³² Retirado do seu depoimento durante a festa de 30 anos da República Aquarius, 1999. Transcrição feita pelo Pesquisador Otávio Luiz Machado.

de irmãos que se faz aqui, mas só percebemos isso quando saímos daqui.

É muito importante a relação que mantemos com cada um aqui dentro. Hoje ainda eu encontro os amigos que passaram por aqui e que é para mim como se fosse um irmão e não existe diferença nenhuma. Quando alguém aqui da Aquarius me telefona para pedir qualquer coisa eu estou aberto porque para mim é parente, é igual, é afim, porque passa pela mesma história, que só tem pão de manhã e um café horroroso , banho frio e uma porrada de histórias que faz com que a gente aprenda a viver . A Escola é ótima e a república é melhor ainda, porque a convivência em República em um outro lugar não tem no Brasil inteiro. É difícil ter um lugar em que se aprenda tanto. Eu quero agradecer a oportunidade de ter passado por isso aqui. E acho que o que estava sendo feito

aqui é maravilhoso e é muito legal pra gente. E eu gosto de ser incomodado como “faz um convite aí” e me pentelhando. Uma hora a gente faz.

No começo da Aquarius é que não se tinha espaço para se encontrar, porque era tudo corredor. Só que através da Reitoria a gente conseguiu a primeira vez foi derrubar dois quartos e fazer uma sala. E a partir daqui tudo começou a mudar. A Aquarius começou a mudar quando, através da Reitoria, nós conseguimos derrubar aquilo ali – porque eles deram mão-de-obra e material – e conseguimos fazer aquela primeira sala. As pessoas se encontram na cozinha, que não era um lugar para bater um papo. A gente ficava perdido. E mudou muito a história.

Obrigado e é muito bom estar aqui.

CONVIVÊNCIA E APRENDIZADOS JUNTOS: UMA LIÇÃO DAS REPÚBLICAS

Carlos Alberto Cosmo (Ex-Aluno da Aquarius)³³

Em horas como essa é muito difícil falar alguma coisa, porque a emoção toma conta da gente. O que eu tenho a dizer é que mais ou menos uns três meses atrás – quando me preparava para vir a Festa do 12 – eu começava a pensar nas pessoas que tinha convivido com a gente para agradecer. Eu acho que a forma que temos é agradecendo às pessoas que nós

³³ Retirado do seu depoimento durante a festa de 30 anos da República Aquarius, 1999. Transcrição feita pelo Pesquisador Otávio Luiz Machado.

convivemos porque elas nos aceitaram realmente. Realmente numa comunidade como essa da Aquarius uma pessoa ajudava a outra. Às vezes não tínhamos muita convivência porque um morava na parte de cima e o outro na de baixo mas a todos participavam dessa alegria. E é só agradecimento mesmo por ter morado com esse pessoal. Obrigado a todos vocês!!!!

AO CONSELHO DE REPÚBLICAS³⁴

É fundamental que cada república se conscientize do papel que ela assume hoje enquanto um corpo atuante dentro do movimento estudantil de Ouro Preto e também de modo mais amplo, como por ex. participando da Secretaria da Região Sudeste de Casas de Estudantes.

Durante a greve de abril se cristalizou o real papel do Conselho de Repúblicas e se explicitou a profunda responsabilidade aglutinada por esta instância, quando se reuniu muitas vezes para inclusive deliberar e gerar encaminhamentos para o nosso

³⁴ Documento assinado pelos representantes do Diretório Acadêmico da Escola de Minas, C.A. Livre de Farmácia, Diretório Acadêmico de Mariana e Pró-Entidade de Nutrição

movimento, consolidando-se como um palco de discussão democrática.

Hoje, quando nosso semestre se tumultua com o acúmulo de provas, aulas e trabalhos, é de extrema importância que cada república participe das reuniões, levando e trazendo as discussões para dentro e para fora da república, trabalhando em consonância com as entidades estudantis e participando efetivamente dos rumos do nosso movimento.

Dentro desta linha de pensamento, visando passar as informações existentes e discutir da melhor forma possível os problemas, as entidades estudantis da UFOP convocam o Conselho de Repúblicas e também representantes de pensões para se discutir acerca dos seguintes assuntos:

- 1- Situação do REMOP;
- 2- Subvenção para moradia;

- 3- Vagas nas Repúblicas;
- 4- VI Encontro Nacional de Casas de Estudantes;
- 5- Novo critério de avaliação do aproveitamento escolar.

Visando um conhecimento melhor acerca do novo critério de avaliação do aproveitamento escolar proposto pela administração da UFOP e que deverá ser julgado pelo CEPE antes do início do próximo semestre, enviamos cópia deste projeto, explicitando que é necessária uma discussão em cada república acerca deste ponto, para que possamos, caso necessário, gerar novo ante-projeto.

O Conselho será realizado dia 05-06 (sexta-feira) às 19:30 h no CAEM.

- Todas as repúblicas ao Conselho!

OBS: dia 04-6 às 19:30 horas será realizado no Salão Nobre da Escola de Farmácia, dando encaminhamento ao Dia de Defesa

das Universidades Federais, um debate aberto com a participação da Administração da UFOP, bem como de professores universitários, acerca do projeto de ensino pago do MEC e dos problemas da Universidade – Participe!.

Ouro Preto, 03 de junho de 1981.

SER UM AQUARIANO EM SEU PRÓPRIO TERRITÓRIO: NÃO PODE PARAR!!!*

Joaquim Pedro de Toledo (Castor) (Ex-Aluno da República Aquarius)³⁵

Ouro Preto , por si só, têm muitos encantos e belezas. É belo acordar e “não ver nenhuma calcinha pendurada no varal” (palavras de Silvinho). Como belo também é conviver cinco anos com esta raça , “gente boa” , que são os nativos. Belo é escutar piadas do Pita, ouvir o Bubu tocar berimbau, acordar de ressaca e ver o Momô levantando. Assim a beleza também é encontrada todo o sábado no CAEM e dançar toda noite naquela boite

³⁵ Depoimento deixado em registros da República Aquarius, Ouro Preto, 16-03-1988.

ao som do Santa Esmeralda. A nossa escola é fonte de eterna beleza como as notas do Délcio Reis.

Somado a tão paradisíaco cenário não podemos esquecer do clima, com as belas neblinas da Alcan ao sair de casa , almoçar no REMOP sob o rachar do sol e voltar para a república molhado de chuva.

Com tantas maravilhas não poderíamos de deixar de assinalar os momentos de chateações , como: as festas na república, as mulheres inclusive as nativas que de vez em quando ..., os campeonatos e ... e ... e... e....

É grande a vontade de sair, pela certeza de voltar e poder de novo reviver. Ser um aquariano em seu próprio território. É isto aí!!! Não pode parar!!!

QUEM EU SOU? EU SOU UM MONTE DE PESSOAS QUE PASSARAM POR MIM!

Celso Carvalho Magalhães (Jabuti), Ex-Aluno da República Aquarius³⁶

Eu não sei ainda o que eu vou falar, porque Ouro Preto é um negócio muito doido. São vinte anos de convivência. Tudo fica muito pequeno e vazio. Foi super bom ter estado aqui o tempo todo. As pessoas que moraram antes da gente nos espelharam. Aí você fala o seguinte: quem eu sou? Eu sou um monte de pessoas que passaram por mim. A gente não sabe o que a gente é. Os causos que contamos ficamos na dúvida se vivemos

³⁶ Depoimento coletado durante a Festa do 12 de Outubro, 1998. Transcrição feita pelo Pesquisador Otávio Luiz Machado.

todos eles, porque nós nos misturamos de tal maneira que fica difícil avaliar. As pessoas que deram certo só foi possível porque outras deram certo. É uma coisa fantástica! Nós fomos todas essas pessoas e que gera uma confusão fantástica.

A IMPORTÂNCIA DAS REPÚBLICAS PARA A MINHA FORMAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DE VIDA

Andrezza Cristina de Carvalho (Ex-Aluna da República
Palmares)³⁷

Eu passei no vestibular da UFOP em 08/1994 e procurei uma República Federal. Eu resolvi tentar uma vaga na Palmares, que era a república que eu mais havia me identificado e que escolhi para ser a minha CASA.

O sistema de batalha ocorreu de acordo com as informações que foram passadas pelas moradoras em conversa

³⁷ Texto editado a partir de questionário respondido ao Pesquisador Otávio Luiz Machado.

inicial, com alguns trotes e cobranças de participação na casa, organização e sociabilização com as moradoras e amigos da república. Fui escolhida porque consegui superar a minha timidez, consegui fazer grandes amizades na casa e porque me importava com a manutenção e cuidados com a república. Acho o sistema de batalha muito importante para que as calouras conheçam as atuais moradoras e vice-versa, para que os dois lados vejam se há uma identificação e se haverá um bom relacionamento.

Para mim esta fase de morar em República em Ouro Preto foi extremamente importante e se pudesse voltar no tempo eu jamais aceitaria não passar por cada um dos trotes e cobranças pelos quais passei. Cobranças por cuidar da casa, por não deixar as coisas espalhadas, por ser organizada, por

receber bem e fazer 'social' com os amigos e ex-alunas, por saber fazer um cafezinho para recepcionar as visitas, entre outras. Quando cheguei em Ouro Preto eu tinha apenas 17 anos e havia saído de uma cidade muito pequena (2500 habitantes), era muito tímida e insegura. No início mal conseguia conversar com as meninas da casa e muito menos com as pessoas de fora.

Eu sabia que poderia não ser escolhida devido a esta dificuldade de me relacionar com as pessoas que não conhecia... Então começaram os trotes que aos poucos foram me obrigando a superar a timidez e facilitando o meu relacionamento dentro e fora da casa. Durante minha permanência na Palmares/Ouro Preto sempre priorizamos reformas e manutenções para melhorias na casa, conquistados através do trabalho das moradoras com a realização de

eventos e hospedagem. Durante a época que morei lá nós reformamos e pintamos toda a casa, reformamos o banheiro e restauramos a pintura dos quilombos presente na parede da sala (pintura esta que é um símbolo da república e feito por um dos primeiros moradores), trocamos o sofá da sala, trocamos a televisão e máquina de lavar.

Durante o curso de Farmácia/UFOP eu participei do grupo PET-Farmácia (Programa de Educação Tutorial) no qual realizávamos diversas atividades extracurriculares, dentre elas organização e apresentação de seminários semanais abordando diversos temas, realização de congresso anual, atividades de campo em comunidades carentes (como Lavras Novas) onde fazíamos trabalhos de prevenção de saúde em escolas e diretamente na casas.

O sistema de Repúblicas de Ouro Preto nos proporciona muitas amizades e mais que isto, nos proporciona uma segunda família formada pelos membros da República. Os aprendizados e crescimento vividos são evidentes, saber dividir, saber onde termina o seu espaço e começa o do outro, conviver em grupo, trabalhar em equipe, companheirismo, solidariedade, tolerância, humildade, etc. A passagem pela república/Ouro Preto, a fase de batalha, de vida em grupo na república foi muito importante para mim, para a minha vida.

A UFOP me deu excelentes conhecimentos técnicos, mas o que fazer com os eles se eu não fosse capaz de viver em grupo e de trabalhar em equipe? A convivência em república em Ouro Preto foi quem me deu mais, me preparou para a vida fora da universidade e com certeza

facilitou o meu ingresso no mercado de trabalho.

Durante os 5 anos que morei na Palmares/Ouro Preto fiz grandes amizades que permanecem até hoje, 10 anos depois, e que sei que durarão a vida toda. Além disto, esta passagem me proporcionou conhecer o meu marido e pai da minha filha, que também é ex-aluno de república federal de Ouro Preto (Francisco/Bozó - Rep. Bastilha).